



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
CURSO DE SOCIOLOGIA**

EDMILSON DAS CHAGAS DE LIRA FILHO

**LINHAS QUE COSTURAM VIDAS E BORDAM SONHOS: MEMÓRIAS DE
MULHERES FACCIONISTAS**

**CAMPINA GRANDE
2020**

EDMILSON DAS CHAGAS DE LIRA FILHO

**LINHAS QUE COSTURAM VIDAS E BORDAM SONHOS: MEMÓRIAS DE
MULHERES FACCIONISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduação em
sociologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Nerize Laurentino Ramos.

**CAMPINA GRANDE
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L768I Lira Filho, Edmilson das Chagas de.

Linhas que costuram vidas e bordam sonhos [manuscrito] : memórias de mulheres faccionistas / Edmilson Das Chagas de Lira Filho. - 2020.

63 p. : il. colorido. Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2020.

"Orientação : Profa. Dra. Nerize Laurentino Ramos , COORDENAÇÃO DO CURSO DE SOCIOLOGIA - CEDUC."

1. Mulher. 2. Indústria têxtil. 3. Costura. 4. Facção. I. Título

21. ed. CDD 305.4

EDMILSON DAS CHAGAS DE LIRA FILHO

LINHAS QUE COSTURAM VIDAS E BORDAM SONHOS: MEMÓRIAS DE MULHERES FACCIONISTAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em sociologia.

Aprovada em: 15/12/2020.

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª NERIZE LAURENTINO RAMOS (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (DCS/UEPB)



Profª Drª ANNAHID BURNETT (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (PPGDR/UEPB)



Prof. Dr. FRANCISCO DE ASSIS BATISTA (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (DCS/UEPB)



Prof. Me. RANIERE FERREIRA TORRES (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (DCS/UEPB)

A minha família, em especial aos meus sobrinhos, minha irmã e aos meus pais, estes últimos, trabalhadores braçais, os quais a vida lhes roubou a oportunidade de sequer sonhar com uma vida acadêmica e, que por sua vez, sonharam e canalizaram o desejo reprimido em mim. Por vocês nasci, por vocês tenho a vida, por vocês sou capaz de tudo. Esse trabalho, com todo o meu amor e carinho, como forma de minha eterna gratidão, DEDICO-OS.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por esta toda essa jornada presente comigo, me protegendo e guiando meus passos.

À Minha família pelo apoio de sempre e compreensão pelas minhas muitas ausências justificadas em decorrência do curso.

À minha mãe, Nívia Maria Galdino, por todo amor, cuidado, carinho e esforço para que eu chegasse até aqui.

A minha irmã Mônica Edwiges Galdino de Lira, pelo apoio de sempre, e por ter me dado o melhor presente de minha vida, meus dois sobrinhos, Mariah Galdino da Costa e Henrique Galdino da Costa Neto.

Ao meu padrasto, Otaciano Alves da Silva, por todo apoio e força que tem me dado não só nessa jornada, mas na vida.

À professora Nerize Laurentino Ramos pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

À professora Annahid Burnett, pela dedicação e orientação de dois anos de pesquisa de iniciação científica PIBIC.

Ao meu pai, Edmilson das chagas de Lira (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos professores do curso de licenciatura em sociologia da UEPB, em especial, que contribuíram ao longo desses anos, por meio dos componentes curriculares e debates, para o desenvolvimento intelectual e desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de curso e de apartamento, com os quais eu convivi ao longo dessa jornada mais do que com a minha própria família. Obrigado pelos momentos de amizade e apoio.

Ao CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e a Universidade Estadual da Paraíba, pelos recursos e bolsas (Iniciação Científica, Monitorias), sem as quais nada disso seria possível.

A memória qualifica a imaginação, dá-lhe uma estrada, um horizonte, atribui sentido aos fatos, e isso nos transforma em deuses criadores das verdades em que queremos crer (N. Scott Momaday).

RESUMO

Nosso estudo intitula-se: “Linhas que costuram vidas e bordam sonhos: memórias de mulheres faccionistas”. Na pesquisa, a facção ocupa lugar de destaque na indústria têxtil e de vestuário, particularmente, na montagem de peças de roupas. Na produção, a mão de obra feminina, terceirizada, responde por várias etapas do processo produtivo, através das empresas formais e/ou informais e das facções domésticas. Na rotina de trabalho das facções, as encomendas são previamente estabelecidas, o serviço é prestado às margens da fiscalização e os riscos da produção recaem sobre elas; estratégia adotada pelo setor têxtil na redução de custos e aumento da produtividade e competitividade. Dito posto, o nosso problema de pesquisa se fundamenta na seguinte pergunta: “Quais os sentidos, os significados do trabalho de facção na vida dessas mulheres?”. Para construção do texto, articulamos o problema de pesquisa com o objetivo geral, qual seja: compreender os sentidos e significados da costura na vida de mulheres faccionistas; e as percepções construídas, por elas, sobre o trabalho de facção nas suas vidas. Adotamos como metodologia de pesquisa a história oral, apoiada nas memórias e narrativas das mulheres (suas histórias de vida) e na técnica da entrevista semiestruturada, com um roteiro aberto e livre. Com isso identificamos as regularidades nas experiências compartilhadas, por essas mulheres, como: a baixa escolaridade; a infância, adolescência e/ou juventude vividas no campo; a migração em busca de melhores condições de vida; o saber da costura como herança familiar, aprendizagem para o trabalho ou formação para a profissão. Concluímos, que estamos diante de uma experiência paradoxal, pois, ao mesmo tempo que o trabalho se apresenta como: precário, exaustivo, árduo, com jornadas intermitentes, marcado por renúncias afetivas, “adoecedor”, ele se traduz, também, como redenção na vida dessas mulheres; assegurando-lhes autonomia, independência econômica, renda, capacidade de consumo, crédito no mercado e o sentimento de orgulho de ser “dona” do seu próprio negócio.

Palavras-Chave: Indústria têxtil. Facção. Mulheres faccionistas (PB).

ABSTRACT

In research, the outsourced seamstress occupies a prominent place in textile and clothing industry, particularly in the assembly of garments. At production, female labor, outsourced, is responsible for several stages of the productive process, through formal and / or informal companies and domestic third parties. In their work routine, orders are previously established, the service is provided on the margins of inspection and the risks of production fall on them; strategy adopted by the clothing sector in reducing costs and increasing productivity and competitiveness. That said, our problem research is based on the following question: "What are the senses, meanings of the outsourced work in women's lives?" For text construction, we articulate the research problem with the general objective, namely: to understand the senses and meanings of sewing in the lives of outsourced seamstresses; and perceptions built by them on outsourced work in their lives. We adopt as research methodology the oral history, supported by the memories and narratives of the women (their life stories) and in the semi-structured interview technique, with an open and free script. With this we identify the regularities in the experiences shared by these women, such as: low education; the childhood, adolescence and / or youth lived in the countryside; migration in search of better life conditions; the knowledge of sewing as a family heritage, learning for the work or training for the profession. We conclude that we are facing a paradoxical experience, therefore, at the same time that the work presents itself as: precarious, exhausting, arduous, with intermittent hours, marked by resignations affective, "illness", it also translates as redemption in the lives of these women; ensuring autonomy, economic independence, income, consumption capacity, credit in the market and the feeling of pride of being "Owner" of his own business.

Keywords: Clothing industry. Outsourced work. Outsourced seamstresses (PB).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Imagem de arquivo pessoal. Maria de Lúcia, a Dona Lúcia, é a primeira pessoa da imagem, vista da direita para a esquerda. Foto tirada na confecção Terral..... 63
- Figura 2 – Imagem do arquivo pessoal de Maria de Lúcia, a Dona Lúcia, na imagem, seus avós maternos, Norberto José de Sales e Maria Pastora Sales..... 63
- Figura 3 - Imagem de arquivo pessoal de Maria de Lúcia, a Dona Lúcia, na imagem encontra-se a filha de Maria Lúcia no sítio..... 64
- Figura 4 - Imagem de arquivo pessoal de Maria de Lúcia, a Dona Lúcia. Na imagem colegas de costura na confecção TERRAL, Maria Lúcia encontra-se de costas para a imagem, sendo a primeira, contando da esquerda para a direita..... 64
- Figura 5 - Verso da imagem do arquivo pessoal de Josefa Velez Tavares, a Dinha, na imagem uma frase feita por amigas de trabalho. 65
- Figura 6 - Imagem do arquivo pessoal de Josefa Velez Tavares, a Dinha, na imagem ela própria trabalhando em confecção na fábrica GOMMT..... 65

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CEASA	Centrais de Abastecimento
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FGV	Fundação Getúlio Vargas
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
NCz\$	Cruzados Novos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PUXANDO O FIO DA MEMÓRIA: COSTURANDO POSSIBILIDADES..	17
2.1	Entre perdas e ganhos “a luta foi maravilhosa”! Narrativas de Dona Lúcia.....	20
2.2	As narrativas de Márcia Simone: O paradoxo do trabalho.....	27
2.3	Entre fatos e sonhos, em busca da sua própria marca: A história de vida de Ana Paula.....	32
2.4	A costura como uma herança familiar: História de vida de Lúcia.....	36
2.5	Costurando possibilidades em busca do próprio negócio: O lugar de fala de Leila.....	38
2.6	A facção como um negócio de família: História de vida de Mauricea.....	41
2.7	Trazendo na bagagem o saber da costura: Dona Branca tece histórias e puxa o fio da memória.....	43
2.8	Dinha e Gercino: Complementando a renda costurando a quatro mãos.....	46
2.9	Memórias de Dona Sebastiana: Entre perdas e ganhos.....	49
3	CONCLUSÃO.....	54
4	REFERÊNCIAS.....	58
4.1	FONTE ORAL.....	59
5	ANEXO.....	61

1 INTRODUÇÃO

Na grande área de pesquisa das ciências humanas e sociais, com ênfase na sociologia, cresce o interesse pelas histórias de vidas, como técnica de pesquisa, para os estudos sociológicos, a partir das memórias individuais vividas, transmitidas, construídas, compartilhadas, propagadas, por pessoas inseridas nos processos sociais estudados. Nesse sentido, nos propomos a estudar as experiências de mulheres costureiras que trabalham como faccionistas na indústria de vestuário, nos municípios de Queimadas e Campina Grande, na Paraíba.

Nosso trabalho intitula-se: “Linhas que costuram vidas e bordam sonhos: memórias de mulheres faccionistas”.

O trabalho de facção pode ser compreendido como a etapa fundamental da produção têxtil, onde pequenas empresas, em geral facções que se localizam no domicílio das proprietárias, fazem uso da mão de obra familiar. Os contratados (as) prestam serviços ao setor de vestuário, como terceirizados (as), mediante encomenda e, em regra geral, às margens da fiscalização; eliminando os riscos e custos da produção para o contratante (LIMA, 2009, 2010; GOZZONA, 1997).

A partir da década de 1970, cresce a inserção da mão de obra feminina no segmento têxtil e de vestuário. Com a reabertura comercial e a alta competitividade, no Brasil, esse setor passou a reduzir custos, colocando às margens a mão de obra feminina, fazendo com que essas mulheres fossem jogadas a própria sorte em suas facções (NEVES, 2006; GOZZONA, 1997).

No trabalho de facção, predomina a mão de obra feminina especializada, em uma ou mais etapas da produção, realizada mediante encomendas. Os riscos da produção, entre eles, a fiscalização, são transferidos para as mulheres no ambiente doméstico de trabalho (CARVALHAL, 2007; LIMA, 2009, 2010).

Nossa pesquisa de campo contou com a colaboração de nove mulheres, com idades entre 28 à 68 anos, e o esposo de uma delas. Seis proprietárias de facções domiciliares¹, em atividade, e três trabalhadoras informais e formais em empresas de confecções, aposentadas, que costuravam esporadicamente. As entrevistas foram realizadas nos municípios de Queimadas (PB) e Campina Grande (PB), nos anos de 2017 e 2019, como parte dos projetos de Iniciação Científica: “Desenvolvimento no

¹ São facções localizadas no domicílio da proprietária, em geral, na garagem, no espaço da varanda, em um cômodo específico ou no quintal.

Cariri paraibano: a sulanca como opção de renda familiar na zona rural” (Cota: 2017-2018) e “Desenvolvimento endógeno na Paraíba: a produção de confecção no semiárido” (Cota: 2018-2019).

Na construção do projeto de pesquisa (TCC 1) optamos por trabalhar com as entrevistas realizadas durante as pesquisas do PIBIC, por entendermos que elas reuniam muitas informações/dados que podiam orientar outras pesquisas e análises e, também, devido ao cenário de pandemia Covid19², em que realizamos as atividades acadêmicas (2020.1) no sistema remoto³, incluindo o TCC 2.

Diante do exposto, definimos como objetivo geral: compreender os sentidos e significados da costura na vida dessas mulheres, mais especificamente, as percepções construídas, por elas, sobre a o trabalho de facção nas suas vidas.

Como relação a orientação teórico-metodológica, compartilhamos da perspectiva de Bossi (1994, p.38) quando ela indica que nas ciências humanas debatem-se, com certo repúdio, o conceito de “objeto de pesquisa”, por ser portador de um reducionismo qualitativo do sujeito humano. Na nossa pesquisa, atuamos, ao mesmo tempo, como sujeito e objeto. “Sujeito quando indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças”.

Enfrentamos algumas dificuldades na pesquisa, pelo fato de analisar uma rede de subcontratação de trabalho informal, com restrito acesso a legislação trabalhista. De modo que várias escolhas foram feitas a partir do conhecimento prévio, das barreiras, impedimentos e silenciamentos.

A realização das entrevistas aconteceu no ambiente doméstico, muitas vezes na privacidade do lar, que é também o local do trabalho para parte das mulheres entrevistadas. Inicialmente lidamos com o sentimento de desconfiança, o receio de

² COVID-19 doença infecciosa causada pelo novo corona vírus, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do corona vírus se apresenta como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – considerado o mais alto nível de alerta da Organização, em sintonia com o Regulamento Sanitário Internacional.

³ RESOLUÇÃO/UEPB/CONSUNI/0229/2020 que “Estabelece normas para a realização de componentes curriculares, bem como outras atividades de ensino e aprendizagem, orientação, pesquisa e extensão, por meio de atuação não presencial, na graduação, pós- graduação e no ensino médio/técnico, excepcionalmente durante o período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, por causa da pandemia da COVID- 19; altera o Calendário Acadêmico 2020.1 e dá outras providências”.

fornecer informações que possam prejudicá-las; de modo que perguntas sobre renda, quantidade de funcionárias e registro formal poderia ser interpretado, por elas, como fiscalização.

Desde o início sabíamos dos obstáculos para a realização da pesquisa. Por ser uma atividade informal, um trabalho terceirizado à margem da legislação trabalhista, a aproximação seria mais difícil. De fato, por vezes as entrevistas geraram suspeição; em decorrência dos “medos” da fiscalização, do sigilo, do segredo, que organizam a rotina de trabalho das nossas informantes. Por isso, evitamos a abordagem direta às questões que tratam de salários, direitos trabalhistas, jornada de trabalho, renda e remuneração. Desse modo, adotamos a estratégia de Carneiro e Pereira (2012), qual seja, deixamos os relatos livres, sabendo que os temas sigilosos poderiam surgir, ou não, de modo espontâneo nas narrativas das mulheres.

Aos olhares mais desatentos podem passar despercebido a dinâmica de uma confecção domiciliar. Mas, o entra e sai de motos e carros com peças de roupas, nos dão os primeiros indícios que naquela residência funciona, também, uma confecção. Mas, foi só através da técnica *snowball* ou “bola de neve”, qual seja, a abordagem da pessoa por meio de indicações, que conseguimos os contatos com as nossas colaboradoras. Essa técnica é muito utilizada em pesquisas sociais, onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes, e assim sucessivamente, até chegar ao “ponto de saturação”, onde o conteúdo das entrevistas passam a se repetir. Albuquerque (2009) ao citar Goodman (1961) relaciona os primeiros participantes como “sementes”: portadores de conhecimento sobre o tema em estudo, inseridos na localidade, território, município e com capacidade para indicar outras pessoas.

No ato da entrevista, convivemos, por vezes, com o sentimento de estarmos atrapalhando o andamento do trabalho, observado através da correria das mulheres e, em alguns casos, costurando e relatando a sua história de vida. Dessa forma, respeitamos o tempo e a rotina de cada entrevistada: paramos ou continuamos as entrevistas de acordo com o tempo de cada informante.

A nossa abordagem será qualitativa. Nosso enfoque se baseia na história oral de mulheres faccionistas: os significados, motivações, aspirações, emoções, sonhos, paixões, crenças, valores e atitudes, que “não podem ser quantificadas” (DESLANDES, 1994, p. 22). Entendemos que através da história oral podemos

aprofundar as subjetividades que articulam o presente e a memória do vivido, compartilhado, transmitido, e até mesmo os esquecimentos de quem narra.

Diante do exposto, a história oral se apresenta como uma estratégia metodológica a ser utilizada.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p.17).

De acordo com Bom Mehy (2005), a história oral chegou ao Brasil, tardiamente, por dois motivos: a falta de tradição intelectual (não acadêmica), aliada a difícil comunicação entre as universidades e a cultura popular, e a forte tradição francesa em nossas academias. O golpe militar de 1964 coibiu projetos da captação de relatos e/ou registros. Mas, após o fim da ditadura houve uma proliferação de projetos de história oral, aliada a um reforço de democratização do país.

A história oral brasileira nasceu fechada no meio acadêmico. No entanto, na década de 70 a fundação Ford, aliada à fundação Getúlio Vargas, promoveu o CPDOC/FGV, programa pioneiro de história oral no Brasil, que impulsionou trabalhos na área. O primeiro trabalho publicado aqui no Brasil, em 1976: “Memórias do exílio”, mostrava o drama de brasileiros que saíram do país em decorrência da ditadura militar.

Considerando o cenário de exceção, característico do período ditatorial, e a ausência de registros históricos, a história oral torna-se fundamental na elaboração de documentos sustentados em entrevistas. O relato oral, amparado, ou não, em documentação escrita. Dessa forma, a oralidade se materializa no escrito.

Outro aspecto importante a destacar: não existe mentira na história oral, no sentido moral do termo, pois assim como todos os sentimentos, a mentira decorre de intenções/impressões daquilo que ficou na memória do colaborador⁴; pois é isso que se busca: a narrativa como versão dos fatos e não o fato em si.

Por se tratar de memória, e não de verdades, ela se aproxima das considerações não-científicas. No entanto, a objetividade requerida da história oral é a mesma cobrada de outros documentos escritos, com exigências e limitações equivalentes.

⁴ Conceito utilizado por Bom Mehy para designar o “objeto” de estudo da história oral de vida.

As críticas que se fazem a história oral por ser um método que se apoia na memória, a qual é capaz apenas de produzir representações e não reconstituição do real, não se sustentam, pois “se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é” (POLLAK, 1992, p.207 *apud* THOMPSON, 2017).

No nosso estudo, as perguntas serviram como orientação, sendo apresentadas de forma ampla, e dando maior liberdade ao *sujeito* (mulheres faccionistas) para dissertar sobre suas vidas. Para conduzir as entrevistas das protagonistas, utilizamos uma espécie de “linha do tempo”, possibilitando o “mergulho” nas memórias, histórias da família: avós, pais, tios e parentes. Desse modo, identificamos características marcantes nas histórias de vida dessas mulheres e sua relação com a costura.

Elaboramos questões abertas de forma sugestiva, como: conte-nos qual a lembrança que você tem dos seus avós e pais. Eles estudaram? Quanto tempo? Qual o tipo de trabalho desenvolvido? Há alguma ligação dos seus pais/avós com a costura? O que a costura representa para você?

Alguns momentos tivemos que redirecionar algumas memórias, registrando-as em fragmentos, pois, conforme Ecléa Bossi (1994, p.39) “a memória é um cabedal infinito”, de forma que “lembrança puxa lembrança e seria preciso escutar o infinito”. Nesse sentido, organizamos o roteiro de entrevista com perguntas que organizavam as falas, de forma ampla, dando liberdade de narrativa aos sujeitos, para contarem suas histórias.

A entrevista com um roteiro aberto e livre, aproxima o sujeito-entrevistador do sujeito-entrevistado; é também uma forma de criar uma atmosfera de confiança, para as colaboradoras evocarem suas lembranças; possibilitando, sempre que desejar, voltar as perguntas que não foram bem esclarecidas. Por vezes, após a entrevista, na conversa informal, e ao desligar o equipamento eletrônico (gravador), surgia uma informação importante para a pesquisa, fazendo com que ligássemos, novamente, o aparelho e voltássemos a gravar.

Com isso, conseguimos criar um ambiente agradável, com muita confiança e, após a entrevista, algumas mulheres contavam os seus segredos mais íntimos, singelos (cotidianos) e, também, os mais traumáticos de sua história. Contudo, encontramos mulheres tímidas, reticentes, inibidas, envergonhadas, que evitavam longas conversas, respondendo de forma rápida, precisa, sem detalhes, os estímulos feitos no decorrer da entrevista.

A realização da pesquisa se deu em várias etapas: elaboração do projeto; realização das entrevistas, com a gravação das falas; transcrição das entrevistas; sistematização e análise dos dados (narrativas); autorização para o seu uso e permissão para torná-la pública, construção da monografia.

Vale ressaltar que a ideia inicial era entrevistar pessoas vinculadas a confecções (facções) domésticas. O fato de serem todas mulheres não fez parte da escolha metodológica.

Assim como aponta Ecléa Bosi em *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, “Não dispomos de nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções e lacunas” (BOSI, 1994, p.37). O que buscamos, assim como a autora, são as versões do acontecido, aquilo que ficou na lembrança, não o acontecido em si. Montenegro (1994, p.16) ao recorrer a Richard Johnson e Graham Dawson, reforça nosso argumento, “o que importa na história oral não são os fatos, acerca do passado, mas todo o caminho em que a memória popular é construída e reconstruída como parte da consciência contemporânea”.

A principal característica do método de Ecléa Bosi (1994) foi a abordagem mediada por um vínculo de amizade e confiança, desenvolvido ao longo da pesquisa, com encontros e reencontros. Na nossa pesquisa, a escolha metodológica indicou outro caminho. Compartilhamos momentos de simpatia espontânea, mas, em um espaço curto de tempo. A maioria das entrevistas aconteceram em um único encontro, exceto as que exigiram um segundo contato. Por isso, não nos cabe aqui tratar esse trabalho como fruto de uma observação participativa:

A expressão ‘observador participante’ pode dar origem a interpretações apresadas. Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes. Não bastaria trabalhar alguns meses numa linha de montagem para conhecer a condição operária. O observador participante dessa condição por algum tempo tem, a qualquer momento, possibilidade de voltar para sua classe, se a situação torna-se difícil (BOSSI, 1994, p.38).

No nosso estudo acolhemos o pensamento de Montenegro (1994, p.10) quando afirma que “o tempo histórico não é o tempo vivido. A história escrita, documentada, distingue-se do acontecido; é uma representação. E, nesse hiato entre o vivido e o narrado localiza-se o fazer do historiador”. Encontramos aqui a

delimitação que nos cabe, na interpretação dessas históricas de vida dessas mulheres faccionistas, que tem em sua marca histórica traços que as unem.

Centrando-nos na história de vida das mulheres faccionistas, que compõe o universo estudado, a partir do relato oral (entrevistas individuais livres), será possível uma aproximação ao nosso problema de pesquisa: “Quais os sentidos, significados do trabalho de facção na vida mulheres?”.

2 PUXANDO O FIO DA MEMÓRIA: COSTURANDO POSSIBILIDADES

De acordo com Neves (2006, p.257-265), ao longo do século XX, o cenário da economia globalizada, e da alta competitividade, fez a indústria de vestuário ser fortemente atingida, de modo que a reestruturação nesse setor deu espaço a uma rede de flexibilização nas relações de trabalho; descentralizando suas atividades produtivas e incorporando, impreterivelmente, o trabalho das mulheres em domicílio como uma forma de redução de custos. “Nesse contexto, as mulheres trabalham sem nenhuma proteção trabalhista, sem carteira assinada, nem jornada de trabalho definida e muitas vezes incorporando a família nas tarefas produtivas, inclusive os filhos”; marcadas pela informalidade e precariedade na produção.

A informalidade, fenômeno de caráter estrutural no contexto da reestruturação produtiva, encontra-se em plena expansão na indústria de confecção, através do trabalho domiciliar das costureiras. Focada na desconcentração, flexibilidade e redução de custos, a marca da reestruturação na indústria de confecção tem sido a terceirização, o que acompanha as tendências da reestruturação produtiva no Brasil (NEVES, 2006, p.257-265)

Há um aumento da participação de mulheres nesse trabalho, desprotegido socialmente, que se encontra em acentuada precariedade. Neves (2006), indica quais são as características desse tipo de trabalho:

a) sonegação dos benefícios e direitos assegurados pela legislação aos trabalhadores; b) intensificação do trabalho e extensão da jornada para que possam cumprir os prazos contratados; d) irregularidade dos rendimentos devido à demanda variável de trabalho; e) pequena ou nula capacidade de negociação com os contratantes em decorrência da dispersão e inexistência de contatos entre os trabalhadores contratados, tornando difícil ou inviável qualquer forma de organização e atuação coletiva; f) difícil registro fidedigno de sua magnitude devido a seu caráter oculto ou invisível; g) utilização predominantemente de mão-de-obra-feminina (SILVA, 2004, p. 276 apud NEVES 2006, p.257-265).

No início dos anos 70, a participação da mão de obra feminina no Brasil fez, nas palavras de Souza-Lobo (1991) *apud* Gozzona (1997): "sacudir as estruturas da produção sociológica", incorporado, como variável de análise, o diferencial de gênero nas relações de trabalho. Mas, se por um lado as mulheres passam a ganhar espaços, por outro, sua atividade se dá em tarefas tradicionais, culturalmente tidas como femininas, como a indústria têxtil e de vestuários.

De acordo com Neves (2006), com a reabertura comercial nos anos 90, a indústria de confecção adotou estratégias de precarização das facções, com o objetivo de tornarem-se mais competitivas e evitar custos, provocou um impacto, direto nas relações de trabalho das mulheres, afetando, como consequência, as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos.

Na perspectiva de Lima (2009; 2010), a indústria têxtil-vestuário gera muita renda nos países em desenvolvimento, em especial no Brasil, destacando-se na produção de tecidos de malha, fios e em confecções. A confecção é a principal etapa produtiva dentro da cadeia têxtil e utiliza, intensivamente, do trabalho feminino.

Com a contribuição teórica de Lupatini (2004) *apud* Lima (2009), descrevemos o processo produtivo da indústria têxtil-vestuário, com suas várias etapas produtivas inter-relacionadas: a primeira fase da cadeia têxtil-vestuário diz respeito às fibras e/ou filamentos que serão preparadas para a etapa da fiação. A segunda etapa refere-se à produção de fios, que podem ser naturais, artificiais ou sintéticos. A terceira etapa é a da tecelagem; nesta os tecidos resultam de processos técnicos distintos, que são a tecelagem de tecidos planos, a malharia e a tecnologia de não tecidos, os acabamentos; o processo implica em uma variedade de operações que conferem ao produto conforto, durabilidade e propriedades específicas; confecção: é a última etapa do processo produtivo (roupas e artigos têxteis em geral), que resumidamente englobam desenho, confecção de moldes, gradeamento, encaixe, corte e costura. Esta última é a principal etapa da confecção, concentrando a maioria das operações.

Nas palavras de Colli (1997, p.60) *apud* Lima (2009, p.63), facção é "uma empresa que presta serviço a confecções, ou seja, que cuida da produção sem os riscos da comercialização, mediante encomendas detalhadas, onde quem a subcontrata elimina os riscos maiores com os custos da produção". Acrescentando ainda que a facção constitui "uma forma de terceirização no setor têxtil, já muito

antigo, relacionado originalmente à proliferação de pequenas empresas domiciliares que aos poucos se autonomizaram ou não".

Abreu (1986, p.154) *apud* Lima (2009, p.64), ressalta que o termo *facção* pode se referir a "proprietários de oficinas especializadas em apenas algumas fases da produção, empregando para isso trabalho assalariado, mas que na maior parte das vezes está envolvido pessoalmente no processo produtivo".

Na definição de Sampaio e Mello (1988) *apud* Lima (2009, p.64), a *facção* pode ocorrer em três casos distintos, mas que podem ser correlatos:

O primeiro quando uma empresa, de qualquer porte, não tem como suprir seus pedidos e recorre à *facção* como auxílio, sendo o mesmo por tempo determinado ou não. O segundo caso quando as empresas fazem somente o processo de criação até o corte e o processo de fabricação, inclusive o acabamento, fica a cargo das *facções*. Em um terceiro exemplo, a empresa necessita de uma *facção* devido ao tipo de peça que ela produz, assim a *facção* pode se especializar na produção de alguns artigos do interesse da empresa que a subcontrata.

Assumimos que a forma de *facção* analisada, na nossa pesquisa, e que se aproxima da experiência das mulheres estudadas, se aproxima das assertivas de Gozzona (1997, p.95), ao classificar que "as chamadas *facções* de costura são empresas subcontratadas, especialistas em uma ou mais etapas do processo produtivo, geralmente a etapa mais intensiva em trabalho, a costura". Na perspectiva analítica de Lima (2009, p. 91) *facção* domiciliar, deve ser compreendida como:

Uma pequena confecção informal que não tem marca própria, estilista, desenhista ou loja. É também uma organização familiar, pequena, que produz a roupa integralmente ou peças específicas parceladamente e que, às vezes insere nela a marca do produto da empresa ou das empresas contratantes.

Esta experiência pode ser estudada como parte de um sistema *work ou putting out*, ou seja, uma organização de produção nas quais as etapas do processo de transformação de mercadorias são realizadas fora da planta industrial (AMORIM, 2003, *apud* LIMA, 2009).

Nos nossos estudos verificamos que a escolaridade está longe de ser um critério para as atividades de costura, seja em *facções* domiciliares de lógica familiar, seja pelas grandes empresas do setor industrial têxtil (GOZZONA, 1997). Nossa pesquisa apontou que a escolaridade média da mão de obra empregada é muito baixa, ou sem escolaridade definida; com no máximo o primeiro grau completo e/ou ensino médio incompleto. A formação para a atividade de *faccionista* faz parte da herança familiar; são adquiridas através de cursos de baixa especialização,

profissionalizantes e/ou complementares e/ou realizada ao “sabor das oportunidades” que foram surgindo.

2.1 Entre perdas e ganhos, “a luta foi maravilhosa”! Narrativas de Dona Lúcia.

Mulher é muito mais que ter um sexo. É mais que ser do homem complemento. É mais que ser o avesso e o diverso. Mulher é muito mais que sofrimento (Fernando Brant / Milton Nascimento)

Maria de Lúcia a Dona Lúcia⁵ é uma mulher de sessenta e quatro anos, aposentada, nascida na cidade de Campina Grande, no ano de 1955; é viúva e mãe de quatro filhos⁶ e neta de migrantes. A história dos seus avós é construída no movimento de saída do Estado do Ceará para o município Campina Grande, na Paraíba. A história do deslocamento da sua família será marcada pela forte experiência religiosa, de fé, devoção e espiritualidade; que irá acompanhá-la por toda a vida.

Seus avós⁷ vieram do Ceará, por volta de 1930, e a história familiar se confunde com a formação do município de destino: “Quando eles vieram para a Paraíba, Campina Grande ainda estava se formando; só tinha a catedral, o açude velho, o açude novo, que hoje é uma praça ali perto da CLIPSI, né? Ali era um açude também; de resto não tinha mais nada, só mato” (Dona Lúcia, 2019).

Na época do deslocamento, da migração, o seu estado de origem tinha o personagem político-religioso Padre Cícero⁸ que, além de personalidade religiosa, acumulava o poder, o carisma e a autoridade política; de modo que, para que os avós pudessem migrar, teriam que ter a sua autorização:

Quando meu avô veio pra cá, ele pediu a autorização do Padre Cícero; porque lá no Ceará era tudo movido por ele, eles só faziam alguma coisa lá se o Padre Cícero desse a ordem. Eles vieram de lá porque estavam numa seca muito grande, aí não tinha trabalho lá, era uma época ruim [...] Ai ele disse; Meu *Padim Ciço*, eu queria ir pra uma cidade, que se chama Campina, que futuramente vai se tornar Campina Grande, que tá se formando agora. Ai *Padim Ciço* ficou pensando, e disse; *vá!* E bateu na cabeça dele, foi como se fosse uma benção. Aí daqui ele fez finca pé, e disse que nunca mais viu tempo ruim na vida dele. Realmente ele se firmou mesmo aqui, e daqui fez a família [...] Ele prosperou *né*, começou na

⁵ Entrevista realizada em 20 de Agosto de 2019.

⁶ Vide Figura 3 contida nos anexos

⁷ Vide Figura 2 contida nos anexos

⁸ Cícero Romão Batista foi um sacerdote católico brasileiro. Na devoção popular, é conhecido como Padre Cícero ou *Padim Ciço*. Carismático, obteve grande prestígio e influência sobre a vida social, política e religiosa do Ceará, bem como do Nordeste.

agricultura e era vaqueiro, tomava conta dessa fazenda e daí foi só bênção na vida dele (Dona Lúcia, 2019).

A religiosidade, a fé, as crenças, organizaram a vida, as escolhas, as certezas dos avós de Dona Lúcia. A migração para Campina Grande significou mudança de vida; assumida como algo bom e transformador na vida dessas pessoas que, dentre outros motivos, fogem da seca no Ceará.

[...] Quando meus avós vieram do Ceará, eles só tinham minha mãe como filha; ela era pequenininha; meu avô disse que trouxe ela na corcunda, eles vieram a pé. Paravam na porta dos povos e os povos perguntavam: homem vocês vão pra onde? E eles sempre respondiam: Pra uma tal de Campina, uma Campina que tá se formando na Paraíba (Dona Lúcia, 2019).

Na narrativa de Dona Lúcia, Campina Grande representou “o melhor canto que Deus fez”, “lugar abençoado”, “o melhor lugar para se viver”, “a terra boa”, o lugar da “boa nova”. Crença que indica a forte religiosidade católica e transforma sua família “nos escolhidos” para morar em Campina Grande, obviamente, com a proteção e bênçãos do Padim Padre Cícero. Ela diz que nunca saiu das terras de morada (fazenda), nem para passeio/lazer. Nos seus relatos, fica claro a forte influência dos seus avós.

Indica que nunca quis acompanhar o esposo, que migrou e passou muitos anos trabalhando na região Sudeste; sempre insistindo para que Dona Lúcia o acompanhasse. “Ele dizia; Olhe, eu só venho esse ano, para o ano eu vou levar todo mundo, e eu dizia não, não invente não, eu não vou não, eu tinha medo sabe? Eu nunca fui nem nunca tive curiosidade” (Dona Lúcia, 2019).

Dona Lúcia, foi criada achando que os seus avós eram seus pais. O motivo ela não nos explicou, mas relatou que só depois de adolescente descobriu que sua tia era na verdade sua mãe, por isso, sempre que ela se reporta aos seus avós trata-os como “pais”.

Chegando a Campina Grande (PB), seu avô começou a trabalhar como vaqueiro em uma fazenda, e formou uma família numerosa, onde todos os membros do núcleo familiar trabalhavam, com exceção de Dona Lúcia, que saiu do campo para estudar: “Eu fui à única que fui pra escola, tive esse privilégio, porque meu pai disse: eu não vou criar essa menina como os outros, só no cabo da inchada, ela vai estudar!” (Dona Lúcia, 2019).

Segundo ela, nenhum dos seus irmãos e tios tiveram o privilégio de estudar: “Eu fiz até a quarta série, porque na época eu morava lá no sítio. Eu não pude

estudar mais porque minha vó cegou e eu tive que parar os estudos pra cuidar dela” (Dona Lúcia, 2019).

O seu “direito de estudar”, tratado por ela como privilégio, acabou, não pela exigência do trabalho na agricultura, como aconteceu com outros membros do núcleo familiar, mas pelo fato de ter que cuidar da avó: um trabalho domiciliar, o auxílio na doença de um parente; e a dimensão do cuidado associado a responsabilidade da mulher.

A Dona Lúcia, criança, estudou até a “4ª série” (5º ano do ensino fundamental), e se sentia uma privilegiada por isso. O “privilegio de estudar” que deveria ser tratado como política pública, como direito à educação das populações do campo. O detalhe importante: através da escola ela descobriu a profissão de costureira, aprendeu a costurar, costurando futuras possibilidades e tecendo a sua vida. “Mulher é a vida. A vida é mulher. Toda mulher é mulher da vida” (Fernando Brant / Milton Nascimento).

Eu casei no sítio, vim pra Campina Grande e aqui eu tive quatro filhos, quando fui estudar na infância no colégio das freiras eu aprendi a costurar lá e depois me aperfeiçoei no SENAI⁹, conclui e peguei um diploma de costureira industrial (Dona Lúcia, 2019).

Os cursos de aperfeiçoamentos, treinamentos, capacitações, realizados pelo SENAI, surgiram como possibilidades de formação e aperfeiçoamento para as mulheres que desejavam aprender a costurar. Mas,

[...] convém salientar que o treinamento institucional fornecido pelo SENAI dirige-se para trabalhadores autônomos, micro e pequenos empresários, bem como para a assistência técnica. Não há programas para formação de mão-de-obra especializada em costura industrial para a grande indústria (GOZZONA, 1997, p. 100).

Os cursos de corte e costura são oferecidos como treinamento, aperfeiçoamento e/ou profissionalização e não como parte de formação de uma mão de obra qualificada para o mercado da grande indústria. Mesmo assim, Dona Lúcia, aprendeu a costurar de maneira profissional e, se inserindo no mercado de trabalho da confecção, trabalhou como faccionista em inúmeros locais¹⁰:

E daí eu trabalhei em várias fabricas, trabalhei ali perto da entrada que vai pra CEASA, numa fábrica muito grande, trabalhei nessa uns dois anos, trabalhei também na zona leste, lá era alta costura, também não lembro o

⁹ O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) “é um dos cinco maiores complexos de educação profissional do mundo e o maior da América Latina. Seus cursos formam profissionais para 28 áreas da indústria brasileira, desde a iniciação profissional até a graduação e pós-graduação tecnológica”.

¹⁰ Vide Figuras 1 e 4 contidas nos anexos

nome dela, eu só lembro do nome dessa última que eu trabalhei (Dona Lúcia, 2019).

A história de Dona Lúcia é marcada pelas idas e vindas do seu marido, devido ao trabalho fora da localidade de residência. O seu esposo viajava muito e, com o falecimento dos seus avós, Dona Lúcia passou a morar na casa da família e, como a nova morada, todas as lembranças marcantes dos seus avós. Segundo ela, viveu momentos de muita infelicidade; os seus choros eram constantes; e se sentia muito exigida com o trabalho doméstico e o cuidado com suas crianças pequenas. Neste ínterim, seu esposo decide vender a casa para comprar outra, distante do sítio e das lembranças que ele trazia dos avós. Em decorrência dos deslocamentos do seu marido dona Lúcia recorreu ao antigo patrão dos seus avós. No dizer dela: “Então eu estava naquela situação, vendi minha casa, com o dinheiro na mão e fiquei muito agoniada, naquele tempo, eu era uma mulher, na zona leste, meu marido viajando, e então eu comuniquei a situação a Sr. Vinicius”, e ele disse; “não tem problema, bote o dinheiro na caixa”, segundo dona Lúcia, na época dinheiro na caixa era sinônimo de juros altos, como uma forma de uma renda passiva e segura:

Aí beleza, ele foi na caixa comigo, abriu uma conta poupança e eu aluguei uma casa a pedido dele enquanto eu não comprava outra. Isso foi na época de Collor de Melo¹¹, esse infeliz veio e rapou o nosso dinheiro, nosso dinheiro era desse tamanho e ficou desse tamanhinho (gesticulando com as mãos), então acabou o nosso dinheirinho, aí eu coloquei as mãos na cabeça e pensei; *meu Deus, e agora, como é que eu vou comprar minha casa?*, Ai meu esposo trabalhava com o filho de minha vizinha, ai ele disse que a mãe dele tinha um terreno perto da TV Paraíba, e perguntou se meu marido não queria olhar esse terreno, quando eu cheguei aqui eu amei esse terreno, um *terrenão*, aí eu disse vamos comprar esse terreno, a gente compra, é um local parecido com o sítio. Por fim, a gente comprou o terreno, mas o dinheiro só deu para a gente comprar o terreno, tu acredita? Só deu pra comprar o terreno. Ai meu esposo disse: *e agora?* Aí eu disse, *não tem problema, eu vendo meus troços e depois a gente compra outros*; e aí a gente vai construindo. Vendemos tudo, menos a beliche dos meninos para eles não dormirem no chão, *né?* Nem a minha máquina de costura (Dona Lúcia, 2019).

Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas por Dona Lúcia e seu marido, incluindo se desfazer da maioria dos seus bens, ela não se desfaz da cama dos

¹¹ Fernando Affonso Collor de Mello, mais conhecido como Fernando Collor, é um político brasileiro. Foi o 32º Presidente do Brasil, de 1990 até renunciar em 1992. Um dia após tomar posse como o primeiro presidente eleito no país de forma direta, após quase 30 anos, Fernando Collor de Mello anunciou um pacote radical de medidas econômicas, incluindo o confisco dos depósitos bancários e das até então intocáveis cadernetas de poupança dos brasileiros. O Plano Collor I determinou que os saques na caderneta ou conta corrente estavam limitados a NCz\$ 50 mil cruzados novos. O restante ficaria retido por 18 meses, com correção e 6% de juros ao ano. No caso dos fundos de curto prazo e do *overnight* (refúgio de parte da classe média diante da “inflação galopante”), o resgate era ainda mais limitado. Só poderiam ser sacados 20% ou NCz\$ 25 mil cruzados novos, o que fosse maior, pagando ainda tributação de 8% sobre o valor retirado. É dessa medida que a entrevistada se refere.

seus filhos, nem da máquina de costura, instrumento do seu trabalho; símbolo da retomada, do refazer a vida, do soerguimento da família:

E os meus meninos ficaram todos com medo, perguntando como iríamos comprar outros troços, porque só o meu esposo trabalhava; e eu disse, não tem problema, eu vou trabalhar também, porque nessa época eu tinha parado de costurar, porque as crianças eram pequenas. E então nós morávamos de aluguel enquanto construíamos isso daqui (apontando para o chão de sua casa), isso daqui foi construído com suor, pense! Aqui foi sofrimento, meu marido trabalhava fora *né*, e no sábado e no domingo ele vinha pra cá, ele era construtor, trabalhava em construções civis, e nos sábados vinha construir aqui, as crianças eram todas pequenininhas, e elas só podiam levar dois tijolos para ajudar ele, e isso sempre no sofrimento *né...* (Dona Lúcia).

Na narrativa acima, Dona Lúcia descreveu a labuta familiar: a organização, a colaboração, o trabalho de todos. Como mulher forte, destemida e guerreira, manteve consigo o símbolo do trabalho: a máquina de costura e, com ela, a esperança de um por vir, o direito de sonhar com melhores condições de vida. Por isso tomou a decisão de trabalhar:

Até que chegou um dia e eu disse a ele [o marido]: *eu vou trabalhar*, ele me perguntava em que eu iria trabalhar, com os meninos pequenos e eu respondia: Na costura, é o que eu sei fazer. Eu tinha uma amiga que me indicou uma fábrica/facção que estava começando e precisando de costureira, então eu fui; e foi quando eu conheci a Terral, a fábrica começou pequena e, depois, expandiu-se pra João Pessoa, Recife, São Paulo; começou eu e três amigas costurando, eu sei que essa fábrica bombou, eu ainda passei sete anos lá, quase oito anos (Dona Lúcia, 2019).

Com a sua firme decisão de trabalhar, ela começa em um ritmo extremamente duro, para conseguir os bens de acesso básico e necessário a família. De acordo com Finatto e Salamoni (2008), é característico da unidade familiar, a auto exploração que se dá na medida em que a família precisa adquirir um bem e, ao contrário das grandes empresas, que exploram seus trabalhadores através da *mais-valia*¹², a faccionista aumenta a quantidade de sua produção, intensifica sua força de trabalho e, caso necessite, ela dobra sua jornada de trabalho e insere os filhos e marido na produção para obter o valor necessário a sua conquista.

¹² Ou “mais-valor” de acordo com a interpretação mais recente do Mário Duayer, um conhecido estudioso da obra de Marx no Brasil. Refere-se à disparidade entre valor produzido pelo trabalhador e remuneração por ele recebida. De modo que podemos compreender como sendo as horas remuneradas. A exploração da mais-valia ou mais-valor, se dar de duas maneiras, mais-valia/mais-valor absoluto, onde a empresa prolonga a jornada de trabalho sem contrapartida salarial e a mais-valia/mais-valor relativo, onde sem alterar a jornada de trabalho, a empresa adquire meios de produção que torne o trabalho mais rápido e eficaz, aumentando a sua produção sem aumentar as horas de trabalho.

A essas alturas a casa já estava construída, sem acabamento, mas construída, eu colocava meus filhos dentro de casa e sempre dizia, não pode sair, o mais velho tinha dez anos, tinha um de cinco, um de três anos e a minha menina nessa época já era casada, casou-se com um policial e hoje vive muito bem. Eu fui viver a vida assim, saía de seis horas da manhã, chegava às sete da noite trabalhando na costura, e nisso eu não vi o crescimento do meu filho mais novo; eu sempre peço desculpas a ele por isso, e ele sempre me responde falando que sabe o que passou por mim (Dona Lúcia, 2019).

A dupla jornada de trabalho é uma característica constante, seja na rotina das trabalhadoras formais ou informais, tendo que conciliar o trabalho fabril ou nas confecções domiciliares com o trabalho doméstico. Essa situação deixa de ser transitória e passa a ser uma regularidade na vida dessas mulheres, como no caso de Dona Lúcia.

De acordo com Neves (2006, p.257-265), o enfraquecimento das leis trabalhistas possibilitaram a disseminação dessas atividades precárias, flexibilizando o trabalho e sua jornada, de modo a propiciar essa interação entre espaço privado e doméstico com o espaço econômico produtivo. De modo que, "o trabalho doméstico executado também pelas mulheres, e fundamental para a reprodução da sociedade, continua a ser classificado como inatividade econômica".

Nas narrativas das nossas informantes aparece como um trabalho árduo, penoso, exaustivo, não remunerado. E, quando acrescido o trabalho com a confecção, pode significar renúncia, em muitos casos levando a abdicar do cuidado e relação afetiva com os filhos. A fragilidade do trabalho feminino se mostra nos estudos e dados estatísticos apresentados:

No que diz respeito à qualidade do trabalho, em 2002, percentual expressivo das mulheres, 34%, quando comparado ao dos homens (9%), ocupava posições mais vulneráveis, como a inserção maior no trabalho doméstico, trabalho não-remunerado, trabalho para o consumo próprio ou do grupo familiar. Dado importante a ser ressaltado é que 75% das trabalhadoras domésticas não tinham carteira assinada nesse mesmo ano. [...] Outra evidência da fragilidade do trabalho feminino, a partir do local de trabalho no qual desempenham atividades, fica demonstrada pelo percentual de mulheres, 75%, em 2002, que trabalhavam por conta própria ou no domicílio (NEVES, 2006, p.257-265).

De acordo com Lima (2010, p.10), "muitas mulheres não conseguem mais diferenciar sua identidade de trabalhadora, de seus papéis de mães, esposas, cozinheiras, domésticas, entre outras funções que geralmente acumulam". A autora endossa a sua análise no diálogo com o pensamento de Amorim (2003, p. 65):

[...] A capacidade flexível das mulheres de realizar ao mesmo tempo diferentes serviços domésticos (como lavar, cozinhar e cuidar dos filhos) e

que hoje é valorizada pelas empresas como uma forma de se obter maior produtividade, sempre foi apropriada pelas empresas de confecção ao subcontratarem trabalhadoras domiciliares.

E acrescenta mais argumentos:

O trabalho domiciliar possui, portanto um caráter flexível e representa o revigorar de antigas formas de ocupação, propiciando incorporar o trabalho de membros da família e prolongar as horas de trabalho das costureiras para além da carga horária prevista em lei, incluindo além de horário noturno, finais de semana e feriados (LIMA, 2010, p.11).

Ainda de acordo com a autora, “a força de trabalho feminina é predominante, principalmente nos contratos informais de trabalho” gerando insegurança, instabilidade, e, afetando especialmente mulheres que atuam em facções domiciliares, “pode ser entendido como uma das estratégias das próprias empresas na busca pela redução de custos, especialmente com os encargos trabalhistas” (LIMA, 2010, p. 11).

As dificuldades que caracterizam o trabalho na facção, regra geral, afetam a organização familiar: No caso de Dona Lúcia, a carga horária extenuante de 12hs/por dia; a sobrecarga (compartilhamento) com as atividades domésticas e a ausência de uma rotina familiar de presença e cuidado com os filhos marcou, profundamente, a história desta mulher, ferindo-a em sua identidade como mãe. No entanto, a sua percepção, entre perdas e ganhos, é que “a luta foi maravilhosa”.

Nessa época eu tinha um acordo com o meu marido, quem chegasse primeiro começava a fazer os serviços de casa e cuidar das crianças. Tinha vez que ele chegava e dizia: *rapaz, tu vai se acabar fazendo serviços*, e eu sempre dizia não... Um dia com fé em Deus a gente vence, e isso foi uma luta maravilhosa (Dona Lúcia, 2019).

Lima (2010, p.9) ao tratar o compartilhamento do trabalho doméstico, entre os cônjuges, afirma que a “Inserção ocorre quando os homens encontram-se desempregados ou quando sua remuneração é inferior ao que poderia ganhar, agregando sua força de trabalho a já executada pela esposa ou filhas em casa”. Na perspectiva da autora, os papéis sociais de homens e mulheres tão engessados, fixados e pré-estabelecidos. Na experiência de Dona Lúcia, encontramos outra dinâmica familiar. A relação com o seu marido ganha novos contornos, particularidades e existe uma corresponsabilidade com os serviços domésticos.

A confecção mudou a vida de Dona Lúcia. No término da entrevista, numa conversa informal, ela nos leva até a cozinha e nos mostra as duas máquinas de costura, como parte da sua trajetória de vida, sua história. Mesmo aposentada, ela

guarda as máquinas com muito carinho, pois, elas simbolizam as transformações na sua vida.

2.2 As narrativas de Márcia Simone: O paradoxo do trabalho

A costura representa minha vida. Mas como eu só vivo em cima da máquina, de manhã à noite, eu perdi a minha vida na máquina de costura (Marcia Simone, 2019)

Márcia Simone da Silva¹³ é uma jovem mulher, mãe de dois filhos, casada e dona de uma pequena confecção domiciliar que se localiza na entrada de sua casa, no espaço de uma garagem, na zona urbana em Campina Grande (PB). Como neta de agricultores, nos seus relatos da infância estão a experiência do trabalho na agricultura como brincadeira e ajuda, ela nos conta: “Mas como eu era criança não tinha noção que aquilo era um trabalho, a gente brincava lá no sítio e ajudava”.

Na sua narrativa surge, como dado recorrente nas populações rurais, a baixa escolaridade dos seus avós, dos seus pais e tios: “Minha mãe ela chegou a estudar até o quarto ano e meu pai fez até a terceira série. E eu ainda cheguei a estudar até a oitava série, mas deixei, também, por conta dos meninos” (Márcia Simone, 2019). O abandono da escola e, conseqüentemente, a sua baixa escolaridade se relaciona, diretamente, como o seu papel de mãe, esposa e o “dever de cuidar”, socialmente construído como atributo do feminino.

Filha de Paulina Fernandes da Silva e Manoel da Silva, ela conta que, junto aos seus três irmãos, sobreviveram do trabalho da mãe, como trabalhadora doméstica¹⁴, em Campina Grande (PB) e das contribuições irregulares do pai migrante, que vivia entre idas e vindas para o Sudeste do país¹⁵. Até que elas decidiram, mãe e filha, “ir atrás do seu pai no Rio de Janeiro” e lá, aprendeu a profissão da costura.

Morei dez anos lá, com sete anos de idade comecei a mexer em máquina, mas costurar mesmo eu costurei com quatorze anos, no Rio de Janeiro; minhas tias todas costuram, aí lá no Rio de Janeiro o pessoal botava a gente pra costurar, não tinha esse negócio não! Minhas tias costuravam lá

¹³ Entrevista realizada em 23 de Agosto de 2019.

¹⁴ De acordo com Silva e Menezes (2010), os empregos em casas de família são os mais procurados pelas jovens, com baixa ou nenhuma escolaridade, que migram do campo para a cidade.

¹⁵ Os estudos apontam essa migração como essencialmente masculina. Enquanto os homens partem, as mulheres ficam. Aquelas que ainda residem na área rural cuidam da agricultura. Algumas delas partem com os maridos, e as vezes até com os filhos, para lhes prepararem a comida e lavarem suas roupas, migram também muito em decorrência do medo do abandono da família por parte do marido. Nas periferias das cidades da região Sudeste, vivem em minúsculos quartos, alugados nos fundos-de-quintais, de onde geralmente saem, à espera dos maridos que trabalham no corte de cana (SILVA, 2008, *apud* SILVA E MENEZES, 2010, p.288).

e. no contato com elas, eu aprendi a costurar. A minha tia Lourdes, foi assim, ela pegou um macacão dela e me pediu pra costurar sabe, só que não entrou nela (*risos*), aí a partir daí eu aprendi a costurar (Márcia Simone, 2019).

A família de Márcia Simone é marcada pela recorrência na relação de pais que migram e mães que ficam. O chefe da família migra e, depois, volta e/ou manda buscar a esposa e os (as) filhos (as). Neste caso, no Rio de Janeiro, com sua mãe, se deu o aprendizado da costura como profissão e, também, como parte do processo de aprendizagem familiar, compartilhado desde a infância: de tia para sobrinha.

Em sua narrativa, Márcia Simone apresenta elementos comuns a história de Dona Lúcia. Ela nos conta sua trajetória no trabalho da confecção, como um trabalho difícil, árduo, penoso; características comuns presentes nas narrativas de todas as entrevistadas. Ela relata a experiência do trabalho árduo, durante toda a sua história; mas, reconhece, também, que ele lhe trouxe benesses/melhorias e “representa sua vida”. No entanto, paradoxalmente, afirma que “perdeu sua vida numa máquina de costura”, mostrando-nos as contradições, tensões e paradoxos que envolvem a experiência com a costura.

Mas também difere de Dona Lúcia, pois, parou de trabalhar na fábrica de confecções, justamente, pelo fato de ter tido uma filha e, a partir desse fato, surgiu a necessidade de conciliar vida familiar e trabalho, o que fez com que ela transferisse para sua casa o trabalho exercido na fábrica, montando sua facção domiciliar, “costurando para si”:

Então eu vim pra Campina Grande e comecei a costurar na NAPI confecções, com dezessete anos. Depois eu fui trabalhar com uma senhora lá no [bairro] Alto Branco; trabalhava com ela, mas não tinha salário mínimo; não tinha nada sabe; era só pra ajudar ela mesmo, era uma confecção informal; até hoje eu costuro pra ela. Aí depois que eu aprendi eu vim trabalhar pra mim mesmo em casa (Márcia Simone, 2019).

Um dado importante, que merece destaque, é a trajetória de Márcia Simone na costura. Ela começou a trabalhar ainda adolescente dezesseis anos, em uma empresa (NAPI Confecções) e, depois, em uma fábrica doméstica de confecção informal, sem direitos trabalhistas: “só ajudar”. Ela informa que mantém o vínculo com a fábrica (até o momento da entrevista) e trata essa relação trabalho como ritual de passagem no processo de formação/aprendizagem.

Esse trabalho domiciliar, terceirizado, exercido por mulheres de forma manual, é considerado:

Um trabalho clandestino, envolvendo toda a família. A vantagem para a empresa é que esse tipo de relação, na maior parte das vezes, libera-a dos custos trabalhistas generalizados. Os trabalhos são realizados quase sempre em condições precárias, sem qualquer direito ou garantia legal, em um sistema de metas pré-estabelecidas, cujos preços são extremamente baixos (NAVEIRA, 2002, p.75 apud LIMA, 2009,p.66).

A estratégia de obter a mão de obra feminina como “uma ajuda”, se dá em decorrência de, com isso, reduzir os custos da produção, sendo uma forma encontrada pelos empregadores para driblar a legislação trabalhista. Assim como observamos nos vínculos estabelecidos, e mantidos, por Márcia Simone, com a empresa doméstica.

Lima (2009) reitera que o tipo de contratação na empresa doméstica, facção informal, se sustenta com base na confiança, em que os critérios se dão na base da informalidade. No caso de Márcia Simone, ela mantém o vínculo com a facção doméstica e continua costurando para ela; mesmo depois de ter “aprendido” o ofício, montando a sua facção e trabalhar para si.

A máquina de costura acompanha Márcia Simone:

Eu fui morar junta com meu marido com trinta e três anos, ele é mestre de obra, antes eu morava na quinze de novembro com minhas irmãs, mas antes de casar com ele, lá com minhas irmãs eu tive um menino, depois do nosso menino ter feito um ano foi que eu vim morar com ele, aí eu trouxe máquina de costura, trouxe tudo (Márcia Simone, 2019)

Nessa passagem Márcia Simone nos relata que levou para o casamento, como herança da vida de solteira, a máquina de costura. Representação e símbolo da sua profissão. Geralmente a mulher – para ser considerada “moça prendada”, leva para o casamento, o “saber” cozinhar, passar, lavar e o cuidado com o marido e filhos, e, em alguns casos, o saber costurar, comumente, atributos culturais do feminino.

Eu tenho dois filhos, um com treze anos e uma menina com onze, mas graças a Deus nenhum se envolve com costura, não! E eu espero que eles façam outra coisa diferente de costura [risos]. Eu deixei de trabalhar em confecções, depois que eu tive minha menina mais nova; a última que eu trabalhei foi com *Anne Noivas*, aí eu disse, eu não vou deixar minha menina sozinha pra trabalhar em máquinas de costura né, eu trabalhava dia e noite (Márcia Simone, 2019).

Semelhante ao caso descrito por Abreu e Sorj (1993) *apud* Neves (2006, p.257-265) ao investigar a realidade do trabalho de confecção domiciliar no Rio de Janeiro:

O trabalho realizado no domicílio pelas costureiras terceirizadas está imbricado no papel que a mulher desempenha como mãe, esposa e dona de casa. Não existe uma separação entre o tempo de trabalho dedicado às

exigências do mercado de confecção e o tempo das tarefas domésticas, no espaço privado. Dessa maneira, não ocorre uma interrupção da jornada de trabalho, pelo contrário, ela é contínua nesse espaço, onde diferentes tarefas são realizadas.

Sentindo na pele e sabendo da dureza e das abdições que o trabalho na costura envolve, Márcia, de uma maneira bem descontraída e humorada, nos diz esperar que seus filhos construam um outro saber e sigam outra profissão, diferente da costura. Diferente de Dona Lúcia, supracitada, Márcia Simone parou de “trabalhar para fora” após o nascimento da sua filha. Para ela, uma decisão muito dura, pois abriu mão de uma renda fixa, mesmo que pequena, da regularidade salarial, e passou a se aventurar no trabalho domiciliar. Não quis que a rotina exaustiva do trabalho lhe tirasse a proximidade com sua filha, por isso optou por conciliar a função de produção, reprodução familiar e o cuidado com a família.

Nos termos expostos, Eline Jonas (2003, p.3), conforme citada por Lima (2009), indica que “trabalhar como faccionista no domicílio foi a forma encontrada de conciliar o trabalho profissional remunerado ao trabalho doméstico não-remunerado, estabelecido socialmente como ‘papel social das mulheres’”.

Hoje em dia minha única renda vem da costura, a costura representa minha vida, né? Eu só vivo em cima de uma máquina; não trabalho em outra coisa, não tenho outro tipo de renda, e só vivo na máquina, de manhã à noite, aí pronto, eu perdi a minha vida na máquina de costura... (Márcia Simone, 2019)

A maneira como Márcia significa a costura na sua vida ilustra perfeitamente as facetas e contradições desse trabalho. Ao mesmo tempo em que ela diz que a costura representar sua vida, afirma que “perdeu sua vida na máquina de costura”. De um lado, o trabalho redentor, redefine o lugar da mulher, dando-lhe “autonomia econômica”, melhores condições de vida, e, simultaneamente, prende-a, extrai o seu tempo; de modo que ela observa sua vida indo embora, como se vai o fio ao penetrar nas peças de suas roupas; como se a autonomia gerada por esse trabalho, ao mesmo tempo lhe prendesse, não restando outra alternativa a não ser passar dia e noite sentada na máquina de costura. Esses pequenos retalhos de sua vida costurados a mão, faz com que quanto mais se trabalha, mais se obtém lucro, e obtendo lucro ela ver seu tempo sendo sugado ao ritmo ensurdecido da máquina de costura.

Para que tudo isso ocorra, em sintonia com as demandas da facção e os afazeres do lar, é preciso um controle preciso do tempo dessas mulheres:

As costureiras faccionistas que realizam dupla ou tripla jornada acabam tendo que organizar milimetricamente seu tempo dentro e fora de casa, usufruí-lo racionalmente e economicamente de um modo cada vez mais veloz, assim ficam quase sem possibilidades de vivenciarem as relações afetivas familiares. Aos poucos passam a viver 'as relações afetivas familiares e a sua intimidade a partir do tempo que lhes sobra do trabalho que realizam', tido como prioritário (LIMA, 2009, p.70).

De acordo com Jonas (2003) *apud* Lima (2009) a capacidade dessas mulheres de organizar o seu tempo, dependem das circunstâncias impostas pela sociedade a elas e de suas capacidades em superar desafios impostos pelas condições precárias de trabalho a domicílio e o cuidado do lar. Muitas vezes se veem incapazes de gerir seu próprio tempo, outras, o elemento "tempo" é falsamente controlados por elas.

Para realizar sua independência econômica e conciliar atividades econômicas com as chamadas 'funções de mãe e esposa', muitas mulheres se vêem escravas da organização do próprio tempo, conferindo, a si próprias a responsabilidade pelos danos quando, ao terem que se dedicar em demasia a uma atividade precisa deixar outras tarefas a descoberto (LIMA, 2009, p.70)

Para Ruas (1993) citado por Lima (2009) as facções domiciliares trabalham, impreterivelmente, sob forma de encomendas para grandes empresas, no entanto, nossa colaboradora acrescenta o elemento de "trabalhar por fora", prestando serviços a particulares em épocas festivas, onde aumentam ou diminuem o ritmo da produção, é o caso de nossa colaboradora:

[...] Mas na minha visão é isso, a vida na costura é trabalhar, trabalhar e trabalhar, chegando no final do mês você conta umas migalhinhas como sempre. Aí você tenta agradar as pessoas, às vezes você agrada as pessoas, às vezes não agrada. Você faz uma costura com o maior coração e as pessoas às vezes chegam botando defeito já pra pagar menos. É assim! Às vezes eu pego vestidos de festas, que são mais caros, cerca de cem reais cada um, às vezes eu pego umas camisetas assim como a sua, que custa doze reais, às vezes pego fardamentos de escola, mas nunca falta serviço, mas tem meses que são muito ruins (Márcia Simone, 2019).

O trabalho contínuo, repetitivo e sofrido, talvez seja o que mais marque esse tipo de trabalho na visão da informante. Mesmo não fazendo mais facção para grandes marcas de vestuário, com peças a serem montadas e metas a serem cumpridas, o seu fazer na costura domiciliar lhe exige muito e por vezes é desvalorizado. A existência de uma regularidade de "nunca faltar o serviço", esbarra com momentos de oscilação do mercado da oferta-procura das roupas.

O mês de Janeiro é ruim, o mês de Agosto também não é muito bom pra você costurar. Os meses melhores são o mês do São João, o mês de setembro porque tem os fardamentos das escolas de sete de setembro e no natal, que faço algumas roupas de festas. Mas esta ruim, esta muito ruim pra trabalhar, todo mundo diz (Márcia Simone, 2019).

A sazonalidade é uma dificuldade presente no trabalho da costura domiciliar, por ser uma profissão que depende de momentos festivos, nacionais, regionais ou locais; o que faz ampliar ou diminuir a demanda pela costura: “[...] a sazonalidade do trabalho, que gera insegurança quanto à renda e à própria sobrevivência, fazendo com que essas trabalhadoras tenham de viver do que ganham a cada dia, sem maiores projetos” (NEVES, 2006, p.257-265).

2.3 Entre fatos e sonhos, em busca da sua própria marca: A história de vida de Ana Paula

Tive grandes ambições e sonhos dilatados – mas esses também os teve o moço de fretes ou a costureira, porque sonhos tem toda a gente: o que nos diferencia é a força de conseguir ou o destino de se conseguir conosco.
(Fernando Pessoa)

Neta de agricultores semianalfabetos, Ana Paula¹⁶ faz parte de uma família numerosa, característica comum entre nossas colaboradoras. O trabalho agrícola era a atividade principal da família: pais e tios, mas, com o passar do tempo, migraram para a região Sudeste em busca de novas oportunidades: “Meus avós maternos trabalhavam na agricultura. Meu avô trabalhava junto aos filhos e, conforme eles, os filhos foram crescendo, se mandaram pra São Paulo, construíram a vida deles lá e meus avós ficaram” (Ana Paula, 2019).

Para os avós de Ana Paula, a base da reprodução social da família era o trabalho na agricultura familiar. O processo de migração acontece com a geração dos filhos (tios) que migraram, todos para São Paulo¹⁷ sem retorno a Queimadas (PB) então terra natal.

Assim como seus avós, Ana Paula não chega a cursar o ensino médio completo¹⁸, ela nos conta: “Eu comecei a estudar o primeiro ano do ensino médio e não terminei”. Mãe solteira de três filhos, ela fala: “Hoje eu sou separada, desde quando meu filho mais novo tinha dois anos, mais ou menos”. Mulher jovem e

¹⁶ Entrevista realizada em 15 de Setembro de 2019.

¹⁷ De acordo com Reis (2016, p.22-23), a região Nordeste ocupa o primeiro lugar como área de repulsão no país, é, “geralmente, a região de atração para os nordestinos é o Sudeste. Na mesma pesquisa, descobriu-se também um fluxo de retorno, fato atribuído àqueles que não obtiveram sucesso em sua tentativa e que foram obrigados a retornar à sua terra natal. Muitos nordestinos que tiveram ascensão também retornaram”.

¹⁸ Vários fatores explicam essa realidade, entre eles, a distância de casa à escola; a inexistência de escola na localidade; a migração de um município para outro, muitas vezes resultando em perda do ano letivo; a repetência; o calendário escolar em divergência com as necessidades de trabalho na agricultura, entre outros. Na maioria das situações estão em evidência o descaso e a falta de responsabilidade política e social dos entes federados (SOUZA, 2012, p.752).

proprietária de uma facção domiciliar localizada dentro de sua casa, mais especificamente na entrada, na área. No momento da entrevista, ela realizava o trabalho sozinha, salvo em momentos de picos da produção em que contava com a “ajuda” de seus filhos.

Eu trabalho sozinha aqui em casa e minha filha de vez em quando me ajuda, quando não está na escola. Ela tem dezessete anos, meus outros dois meninos, de vez em quando, querem até fazer alguma coisa pra ganhar um dinheirinho também, mas eles tem muitas tarefas escolares, principalmente o mais velho que cursa Ciências Biológicas, na Universidade Estadual da Paraíba, ele esta fazendo estágio também, aí não tem muito tempo (Ana Paula, 2019).

Ana Paula residia em um município de pequeno porte, Queimadas (PB), e, lá, enveredou para a atividade de costura, Atualmente reside e tem sua facção localizada em Campina Grande (PB). Segundo seu relato, o ponta pé inicial aconteceu com a compra da primeira máquina de costura, que “pagou aos poucos” e, através do trabalho com a confecção, associado a um visão empreendedora, atualmente, ela possui cinco máquinas de costura. E é esse o trabalho que ela desempenha até o momento da entrevista, em Campina Grande.

Pra comprar minha primeira máquina eu não tinha um centavo e não sabia como iria pagar, isso eu ainda estava morando em Queimadas, então eu pensei comigo, vou comprar! Comprei uma, fui pagando aos pouquinhos e fui fazendo uns *shortezinhos*, para um homem de Santa Cruz. Com isso eu consegui pagar minha primeira máquina, depois passei pra segunda e, hoje, eu tenho um total de cinco máquinas (Ana Paula, 2019).

Ela nos conta que aprendeu a costurar pelo “gosto pessoal” e, quando precisou trabalhar, profissionalmente, foi ao emprego em facção que ela recorreu:

Eu aprendi a costurar porque eu sempre gostei de pegar na maquina caseira da minha vó, eu via a esposa do meu tio, em Queimadas-PB costurar também, aí eu gostava daquilo. Ai pronto, eu só costurava pano de prato, lençol, besteiras... (Ana Paula, 2019).

De acordo com Araújo e Amorim (2001) citado por Lima (2010, p.7) a fácil inserção da mulher no ramo da confecção se dá pelo fato de "algumas habilidades serem adquiridas por elas através do processo de socialização e formação de gênero no espaço doméstico", aliado ao fato de que as empresas se beneficiam dos baixos salários pagos ao trabalho das facções domiciliares:

O aprendizado da costura, como mais uma das atividades domésticas, a fim de suprir suas necessidades, do esposo e dos filhos, permitiu a muitas mulheres buscar ofício de costureira a domicílio, usufruindo do ganho derivado dessa habilidade, sem precisar se ausentar do espaço doméstico (LIMA, 2010, p.7).

Nesse sentido, o aprendizado acontece na informalidade, na curiosidade, com o prazer da descoberta, com as referências da máquina de sua avó e a imagem da esposa do seu tio. Estamos diante de saberes compartilhados, fruto de uma socialização primária que vem aliada ao aprendizado do “ser mulher”.

Só que aí chegou um tempo que eu estava sem trabalhar, aí uma prima minha, me indicou a uma mulher que estava precisando de costureira. Nessa época eu já tinha filhos, porque não faz tanto tempo que eu costuro, não Eu pensando que sabia costurar, porque costurava em casa essas coisinhas; só que eu nunca tinha visto uma máquina industrial. Chegando lá na fábrica, a moça me colocou pra costurar num pedaço de pano qualquer; aí pronto, quando eu pisei na maquina, parecia que ela iria embora, porque é bem mais rápido, e, então, eu percebi que não sabia costurar tanto assim. Mas, a dona da fábrica me falou pra ficar e ir tentando, aí pronto, no tentando, foi (Ana Paula, 2019).

O início do trabalho se deu a partir da rede de sociabilidade construída por Ana Paula, através da indicação de uma amiga. O aprendizado informal tão logo se apresentou insuficiente para o trabalho com a máquina industrial, exercido nas fábricas, surgiu o aprofundamento da experiência e um novo aprendizado.

Ana Paula nos descreve as características específicas de um empreendimento “quase familiar” na facção:

Isso já era uma facção domiciliar, já tinham algumas pessoas. Começa sempre assim, uma, aí tem outros que querem trabalhar, vem, é um laço quase familiar, de vizinhos que se conhecem e um vai ensinando um ao outro, era tudo dentro de casa, em um vão que a proprietária fez para colocar umas máquinas; que ela pegava costura da PENAFORTE, que se localizava no Distrito em Campina Grande, eram apenas camisas polos. Nessa época eu morava em Queimadas, e morava de aluguel, então eu tinha uma tia que morava em Campina Grande e estava desocupada, porque ela veio morar com minha vó, e perguntou se eu não queria ficar na casa dela enquanto ela não vendia, eu aceitei, depois ela vendeu a casa e eu aluguei essa que hoje eu moro. Eu só tinha medo de vir por medo de não ter emprego, mas foi ao contrário, eu encontrei bastante gente que trabalhava com costuras, tinha uma prima minha que trabalhava para o Mascate Malhas, ai ela me indicou e eu comecei a trabalhar pra eles, e nesse negócio de indicar íamos indicando o trabalho da outra, passando número de telefone, tudo no boca a boca e aí pessoa vai desenrolando... (Ana Paula, 2019).

Nesse empreendimento as redes de apoio familiar tornam-se fundamentais, a forma como a indicação acontecia se dava no “boca a boca”, o que caracteriza uma rede de sociabilidade.

Depois de muito trabalhar em facções domiciliares, ela monta seu próprio negócio, localizado dentro de sua própria residência. Das fábricas para o seu negocio em casa, imbuída de uma logica empreendedora, ela passa de empregada a empregadora. Em decorrência da grande demanda que recebe, ela nos conta que

se houvessem parentes e amigos interessados no ramo, ela teria total condição de empregá-los. Também nos conta de suas aspirações futuras e as possibilidades criadas pela costura, principalmente, garantir que os seus filhos estudem sem preocupação com trabalho.

Hoje em dia eu trabalho para fábricas de Santa Cruz, de Campina Grande mesmo, eles tem um pessoal que vem trazer; quando estão prontas eles levam de volta. Em relação ao dinheiro eles depositam, é muito tranquilo. Tudo com CNPJ. Eu costuro de acordo com o que eu consigo fazer, se tivesse pessoas na minha rua que se interessasse em trabalhar aqui teria serviços também. Mas é difícil uma pessoa querer vir trabalhar, porque o povo não quer. Mas graças a Deus serviço tem! (Ana Paula, 2019)

Pouco receosa, Ana Paula é uma das poucas colaboradoras que, de forma espontânea, aborda, ligeiramente, o tema da remuneração, considerando que trabalho da facção domiciliar, transita na informalidade e, por isso, existe muita resistência em se falar em “dinheiro”, salários, remunerações, direitos trabalhistas. Ela também se posiciona como “a patroa”, “a empreendedora”, ou seja, aquela que oferece o trabalho, e, as pessoas aceitam, não aceitam ou não se adaptam as funções atribuídas, como as jornadas ininterruptas. Constatamos que devido o tipo de trabalho: rotina árdua, a informalidade, desvalorização, precariedade do trabalho e a recusa desse tipo de profissão.

Minha única renda hoje é a costura, mas é aquela coisa, se ficar doente não trabalha, não recebe. Já se você conseguir fazer muito você recebe mais por conta da produção. Hoje a costura representa o sustento da minha casa, é com ela que mantenho a escolaridade dos meus filhos, porque se talvez não houvesse a costura eu teria que trabalhar fora e provavelmente no lugar deles estarem estudando, ao menos um período do dia teriam que trabalhar, também; aí no caso a costura me dá essa oportunidade de manter eles nos estudos (Ana Paula, 2019).

Para Ana Paula, as dificuldades são muitas, mas, segundo ela, a família tem garantido o seu sustento, graças ao seu trabalho na facção o qual compartilha com o os afazeres domésticos, o zelo, a dedicação e o cuidado dos seus filhos. Apesar das dificuldades e precariedade nesse trabalho, cabe uma ressalva a ser feita:

O termo precariedade é relacional. Esse fator pode significar até um processo de melhoria das condições de vida desses sujeitos e o trabalho faccionado, que em muitos casos antecede a entrada na empresa formal, pode representar uma espécie de atalho para a qualificação desta mão-de-obra (LIMA, 2010, p.8)

De modo que o trabalho na confecção garante uma relativa autonomia e a garantia de direitos básicos fundamentais: ao alimento, à moradia, à educação, etc. Para a informante, a insegurança jurídica e financeira do trabalho na facção domiciliar caminha *pari passo* com a autonomia, a liberdade econômica, o “sustento”

da casa. Com o seu trabalho Ana Paula garante, dentre outras coisas, o tão precioso futuro educacional dos seus filhos.

Com muita firmeza nas palavras e de olhar fixo, Ana Paula falou dos seus sonhos e aspirações futuras em torno da confecção.

Minha pretensão no futuro é ter minha própria marca de roupa, porque esse povo de Santa Cruz, pra quem eu costuro, não tem nem marca registrada, patenteada, porque é caro e tal. Eles só colocam na etiqueta o CNJP e vende. E na verdade a renda não é muito boa porque quem lucra é o proprietário, dono das marcas e, enquanto eu, não tenho minha própria marca, é sufoco!

De fato, o baixo lucro faz parte da lógica da organização desse tipo de trabalho. De acordo com Leite (2004) apud Lima (2009, p.67), se tem, de um lado, o empregador que ao terceirizar as tarefas produtivas para as facções busca reduzir os custos e transferir os riscos da produção para a facção contratada. De outro estão, as costureiras, mulheres, mães solteiras, esposas, como Ana Paula, e tantas mulheres faccionistas, que submetidas ao baixo rendimento e/ou lucro “acumulam a dupla função da exclusividade dos cuidados dos afazeres do lar e da contribuição para o seu sustento”.

Apesar da tensa relação com o trabalho, Ana Paula representa sua vida em torno do mesmo; movida pela esperança em direção ao futuro; com sonhos e ambições em torno da costura; na busca de sua própria marca patenteada.

Montenegro (1994) ao recorrer a Eder Sader (1987), discorre que “a fala é instrumento de luta”, porque ela estabelece perspectivas e realidades a serem alcançadas. E é ao instrumento da fala que Ana Paula ao nos contar sua pretensão futura de ter sua própria marca, nos mostrando a vontade de subverter sua atual condição e de estar no outro lado, o lado dos donos das marcas de roupas, conquistando novos horizontes e vencendo as adversidades.

2.4 A costura como uma herança familiar: História de vida de Lídia

Filha de migrantes, Lídia Pereira Rodrigues¹⁹ migrou da propriedade rural familiar, localizada no município de Queimadas (PB), muito nova, junto aos seus dois irmãos, acompanhando de seus pais, em busca de uma vida melhor na região Sudeste: “Eu sai de lá muito nova, ai eu fui pro Rio de Janeiro, meu pai foi trabalhar lá porque aqui era difícil, ai levou eu e meus irmãos, dois irmãos” (Lídia, 2017). A

¹⁹ Entrevista realizada em 12 de Dezembro de 2017.

família fugia das adversidades do campo, em busca de novas oportunidades. E, assim como seus pais, parte dos seus tios também migraram: “Os filhos dos meus avós paternos estão tudo no Rio, tudin! Materno são dez e vivem cinco aqui, o resto é tudo no rio” (Lídia, 2017).

De família numerosa, seus avós constituíram uma grande família, onde todos trabalhavam na agricultura: “A atividade lá era trabalhar com milho, feijão, fava (espécie de feijão graúdo típico da região). Era tudo isso. A gente plantava mais pra comer também né? Porque era muito difícil; todo mundo trabalhava junto, a família era grande demais, né? Ai tudo o que plantava comia” (Lídia, 2017). Característica importante da agricultura familiar: a produção para o autoconsumo e reprodução social da família.

Na migração de retorno, voltando do Rio de Janeiro com seus pais, ainda adolescente, mas já com o saber da costura, Lídia passa a morar “na rua”²⁰, ou seja, na zona rural, cede do município: “E lá no sítio hoje ninguém quer ir (risos), porque além de ser longe, o caminho é muito ruim pra chegar lá, e quando chega lá, assim, não tem nada, é só a casa veia lá”, onde encontrará novas oportunidades e passará a trabalhar na profissão (Lídia, 2017).

A baixa escolaridade, também, era uma característica da vulnerabilidade e formação social dessa família: “Minha mãe também, ela não sabe escrever, meu pai muito pouco, minha mãe só sabe o nome dela e tem hora que ela ainda faz tudo errado (risos)” (Lídia, 2017).

Aprendendo a costurar no ambiente familiar, Lídia nos conta:

Minha mãe já costurava né? E isso já vem dos meus avós, e tinha uma máquina de pé, em casa. E eu sempre fui bem magrinha né? Ai eu pedia ela pra ela ajeitar minhas roupas e ela não queria. Ela falava: ‘vá aprender, vá aprender!’. Ai eu pegava na máquina e ela me ensinava (Lídia, 2017).

Nessa direção, Gozzona (1997, p.106) afirma que o entendimento do aprendizado feminino no empreendimento faccionista, antes de ser uma exigência apenas de qualificação profissional, é uma questão que remete aos estudos do comportamento, da tradição e dos costumes, para, depois, torna-se “uma forma de apropriação pela grande indústria de um saber que por muitos séculos foi uma das atribuições da mulher na esfera doméstica”. Qualificação que vem acompanhada de

²⁰ É muito comum, moradores de pequenos municípios dividi-lo em dois espaços, “o sítio” perímetro rural, onde localiza-se geralmente a propriedade agrícola familiar e “a rua”, centro urbano do município, onde, em geral localiza-se os bens e acessos públicos, digam-se, hospitais, escolas, equipamentos públicos, etc.

construções sociais em torno do "ser mulher"; que demanda um determinado comportamento, interesse e envolvimento na aprendizagem do trabalho. O treinamento técnico, este mais específico, restringe-se a pequenas instruções no local de trabalho.

O relato do caminho percorrido nas várias facções em que passou, até chegar a trabalhar pra si, ela narra sobre os diferentes vínculos estabelecidos, a relação familiar com a costura – mãe, filha, neta - as diferentes gerações de mulheres:

Eu só tenho uma filha, de cinco anos, e eu acho que ela não tem interesse pela costura não viss! De vez enquadro ela fica em cima de mim; mas até agora nada, né? Já mãe, ate hoje ela não costura profissionalmente, ela costura pra ela de vez enquanto, mas ela nunca trabalhou em fábrica, nunca se interessou, não! Assim eu já trabalhei, ali na Rutra, fazendo bolsa; no inicio, isso com 17 anos [...] Aí eu trabalhei em Toritama²¹ fazendo roupa. Eu saí de casa e fui morar lá com algumas amigas, isso com 18 anos, ai fui morar lá, trabalhei um tempo lá costurando, e, depois, quando eu vim pra cá, eu me casei e comecei a trabalhar lá na rua²², lá em Leila²³ aí trabalhei uns quatro anos lá com ela, aí depois que eu saí de lá, eu fiquei em casa trabalhando pra mim (Lídia, 2017).

Como tantas outras experiências narradas até aqui, a costura como profissão acontece na juventude/adolescência, uma experiência, em um primeiro momento, voltada “para fora” e, depois, “para dentro”, quando consegue montar a sua própria confecção e trabalhar no domicílio.

2.5 Costurando possibilidades em busca do próprio negócio: O lugar de fala de Leila

Neta de Antônio Augustino Soares e Josefina Soares, Maria Edileuza Soares Gomes²⁴, conhecida como Leila, supracitada por Lídia, é uma mulher casada de quarenta anos, mãe de dois filhos e proprietária de uma facção de médio porte, com dez funcionárias. A facção fica localizada na frente da sua casa, um espaço amplo, mas, consideramos inadequado para a quantidade de trabalhadoras que ali se encontram diariamente.

²¹ Município do estado do Pernambuco - um dos mais importantes polos comerciais de moda do agreste pernambucano.

²² Em pequenos municípios, é comum se fazer a divisão entre “sítio” (mundo rural), onde comumente localizam-se propriedades rurais, e “rua”, a cidade, onde geralmente se tem acesso a serviços públicos em geral.

²³ Outra colaboradora por nós entrevistada que trabalha na produção de confecção no município de Queimadas PB.

²⁴ Entrevista realizada em 31 de Outubro de 2017.

As lembranças do tempo em que os avós eram agricultores são para Leila puro encanto: “Era uma época boa, né? Que era uma época de fartura, de lucros e tudo mais. Eles plantavam tudo, milho, feijão, jerimum, é [...] Eles faziam aqueles beiju, tinha casa de farinha, eles plantava mandioca, tudo”. E, depois, relaciona a formação da família, dos seus avós e pais, com o trabalho na agricultura: “Eram bastante filhos, minha só perdia pra minha mãe que teve dezesseis, mas só vivem sete; já minha avó teve oito”. Todos envolvidos com o trabalho agrícola de modo a complementar a renda (Leila, 2017).

Os pais de Leila se conheceram em Pedra D’água de Aroeira (Aroeira-PB): “Lá ele conheceu minha mãe e fugiram, meu pai levou minha mãe e depois que chegou na casa do pai dele, o pai dele não aceitou, falou; ‘não volta lá’, tem que ser tudo certinho né, não é como os dias de hoje”. Dessa forma, seu pai pede as bênçãos aos pais da sua futura esposa (mãe) e casam-se (Leila, 2017).

Nossa informante bem humorada, constantemente parava, refletia, voltava a falar. Leila conta das idas e vindas do pai, em decorrência do deslocamento para trabalhar nas Usinas: “Meu pai trabalhava em usinas, essas coisas de usinas de cana, parece que ele moía a cana, essas coisas, e minha mãe ficou, ele ia e voltava, e quando ele vinha, ele vinha só dá um menino (risos), todo ano era um...”²⁵.

Na perspectiva de ajudar os pais, aos quinze anos, Leila vai à procura de trabalho na indústria de confecção. “Mas nunca tinha visto uma máquina industrial, aí eu fui e fiquei nessa empresa oito anos” e, assim, trilhou os caminhos da confecção, Leila casa-se no ano seguinte. Em relação ao trabalho, ao sair da fábrica, sua primeira experiência com a confecção, ela passa a trabalhar para si:

Ninguém da minha família sabe costurar, ninguém, só minha avó que fazia roupas das filhas né? Mas minha mãe mesmo não sabe nada e eu fui, aprendi, e passei um bom tempo trabalhando fora; e depois eu botei na cabeça que queria trabalhar pra mim mesmo, e foi aonde surgiu a ideia de comprar duas máquinas; não tinha renda nenhuma, peguei dinheiro emprestado, comprei duas máquinas velhas, depois consegui pagar o dinheiro que eu tinha pego emprestado, e comecei comprar e fui investindo, investindo, investindo, todo um processo e hoje eu tenho uma equipe muito boa; a gente trabalha com terceirizado, a pessoa fornece e a gente faz a

²⁵ De acordo com Silva e Menezes (2010, p.294), é uma constante a migração de trabalhadores do meio rural Nordeste para regiões canavieiras, onde, em regra, viajam nos primeiros meses de março ou abril, retornando aos municípios de origem por volta de novembro ou dezembro, sendo essas migrações temporárias, retornando logo após a safra. Ainda conforme as autoras supracitadas, as mulheres são ativas em ato ou em potência nas redes que tecem as migrações dos homens. De forma que ao ficar, “enfrentam isolamento e solidão. Por não disporem da companhia do seu esposo, não podem frequentar festas, sob pena de terem sua reputação colocada em risco”. A fofoca atua como elemento controlador dessas mulheres que são vigiadas pela sociedade.

parte da costura, eles trás cortado e a gente faz a parte da montagem, entrega a peça pronta (Leila, 2017).

No caso relatado, o aprendizado da costura não faz parte da herança familiar. O movimento de Leila é distinto: as influências foram construídas fora do circuito da família, característica que marca a história de vida de muitas mulheres estudadas. Em um primeiro momento, o trabalho realizado fora do estabelecimento familiar e, noutro momento, o 'trabalho para si': a formação da empresa, a facção doméstica. Leila também nos dá pistas para a compreensão desse tipo de empreendimento, no qual elas fazem a costura, a montagem e entrega das peças de roupas prontas.

Dessa maneira, embora confecção e produção têxtil façam parte da mesma cadeia produtiva, a modernização tecnológica desta última não é acompanhada pelas confecções domiciliares, que é uma produção baseada no uso intensivo do trabalho feminino (LIMA, 2009). Fidedigna a uma marca específica desde o momento em que constituiu sua própria confecção, ela nos fala:

Nós somos facções, a gente trabalha pra Mioche, quando a gente começou era uma marca que ninguém dava nada, já hoje né... Ela só trabalho com peças masculinas, a gente trabalha cem por cento pra eles, aí a gente recebe por produção. Faz dez anos que eu trabalho só pra essa empresa, ela tem loja em um monte de estado, é só roupa de shopping, muito bacana. Aí pra entrega tem um prazo, assim, se chegar hoje e a demanda for pra amanhã, a gente tem que trabalhar... (Leila, 2017).

Trabalhando para uma marca consolidada no mercado de vestuário para moda masculina, Leila trabalha exclusividade para ela. Como empresa terceirizada, sua dinâmica de trabalho é ditada ao ritmo das demandas, sem contudo, se ater a horário de trabalho. A empresa tem que cumprir o prazo ditado pela marca, de modo que, muitas costureiras, ao término do trabalho na facção de Leila, levam peças de roupas para casa, para dar uma continuidade ao trabalho, para que possam lucrar mais e cumprir o prazo, com uma jornada intensa fazendo incontáveis horas de trabalho.

Considerando os prazos fixos e as metas a serem cumpridas, muitas vezes, o aumento do ritmo de trabalho ocorre, muitas vezes, sem qualquer contrapartida salarial significativa, assim ocorre no caso em questão. Carvalho (2007, p.139) observou que no ramo da costura

Existem muitas mulheres autônomas, que trabalham sob a forma de facção e que são pagas por produção e a remuneração é baseada no número de peças produzidas. Elas prestam serviço à pequenas fábricas de roupas da cidade e de outras cidades também e em alguns casos elas contratam outras costureiras para trabalharem na produção e pagam o salário de costureira, ou as 'contratadas' recebem apenas por produção, sem vínculo

empregatício. As faccionistas se tornam então patroas de outras costureiras, reproduzindo a relação que as empresas contratantes fazem com ela.

Leila também nos informa que há todo um processo de formação, profissionalização e aprendizagem, realizado por ela, direcionados para as trabalhadoras iniciantes, contratadas a partir dos laços fidedignos de amizade e confiabilidade:

As pessoas que trabalha comigo não são parentes, são amigos, e assim, como eu também tive a oportunidade, sempre que tem alguém que chega, eu formo, eu profissionalizo; eles vêm muitas vezes não sabem nem ligar a máquina e eu ensino daqui até eles saírem profissionais. Geralmente depois que se profissionalizam eles ficam comigo, hoje tem uns dez e na casa deles também tem, tipo, eles vem aqui trabalha e em casa eles trabalham também com as máquinas deles [...] Aqui é só trabalho, ninguém mistura religião, pra mim tanto faz, eu sou da igreja Batista, a gente aqui tem religiões diferentes e cada um tem sua igreja, aqui cada um, assim, se respeita e segue aquilo que respeita né, ninguém debate religião e graças a Deus até hoje dá tudo certo.

Aqui em casa é o setor que elas trabalha, essas máquinas são da Overflow, tudo eletrônico, tem o painel e tudo, aí eu falo: *você faz isso aqui, isso aqui e isso aqui*, mas eu vou pra máquina também. Aqui só tem mulher, até já trabalhou um rapaz com a gente, só que assim, fica aquela meia coisa, né? Não é preconceito não, não tenho preconceito não, mas como a demanda é mais mulher né, então eu trabalho com mulheres (Leila, 2017).

Leila se incorpora ao processo de trabalho da sua empresa. Como proprietária ela não se acomoda e se mantém próxima da máquina de costura. No trato com o debate religioso, ela deixa escapar o fato da facção ser o lugar do trabalho, e, neste lugar, se vive o respeito as diferentes religiões. No quesito “público alvo”, ela prioriza a mão de obra de mulheres e, ao fazer isso, reforça a ideia, presente na literatura, da confecção como trabalho feminino.

2.6 A facção como negócio de família: a história de vida de Mauricea

Eu faço parte da Assembleia de Deus, e trabalha comigo ou a família de casa ou a família da igreja.
(Mauricea, 2017)

De origem pernambucana, mais precisamente da cidade de Timbaúba, Mauricea Santana Soares Souza²⁶, quarenta e três anos, chega ao município de Queimadas (PB), aos treze anos de idade. Ela veio para “terminar seus estudos”. No momento da entrevista, ocupada o lugar social de proprietária de uma confecção familiar, e trabalha junto ao seu marido e filhos.

²⁶ Entrevista realizada em 31 de Outubro de 2017.

Assim como Leila, ambas moradoras e vizinhas residem no município de Queimadas (PB), trabalham para a mesma empresa. Mas, divergem na maneira como recrutam os (as) seus trabalhadores (as).

Sigamos com a história de vida da costureira faccionista, Mauricea, que afirma que trabalha em família.

Sim, na verdade eu aprendi a costurar num curso que eu fiz né, aí eu me apeguei a costura, aí eu comecei à trabalhar em fábricas, aí eu fui me aperfeiçoando, meus irmãos e minha mãe trabalhavam no roçado. Eu não aprendi a costurar com ela, não! Esse foi meu primeiro emprego, foi esse. Aí quando eu saí, eu montei a minha confecção. Faz doze anos que eu trabalho pra mim, eu trabalho com terceirização, trabalho com facção, né? Aí eles trazem o tecido e a gente faz a montagem da camisa, a gente é tipo, exclusiva da Mioche. Eu trabalho aqui com minha família, meus filhos, meu marido, a família toda vive desse trabalho (Mauricea, 2017).

Como vimos, esse trabalho domiciliar, terceirizado, exercido por mulheres – e parte ou totalidade da família - de forma manual, é, de acordo com Naveira (2002, p.75) conforme menciona Lima (2009, p.66):

Um trabalho clandestino, envolvendo toda a família. A vantagem para a empresa é que esse tipo de relação, na maior parte das vezes, libera-a dos custos trabalhistas generalizados. Os trabalhos são realizados quase sempre em condições precárias, sem qualquer direito ou garantia legal, em um sistema de metas pré-estabelecidas, cujos preços são extremamente baixos.

Essa tipo de trabalho é justificado pelas empresas pela redução de custos. Assim como observamos na facção de Leila e Mauriceia, a descrição de Lima (2009, p.64) reitera que, a forma de contratação na facção "muitas vezes está baseado na informalidade, com base na confiança, em que os critérios são: entrega da produção nos prazos estipulados, boa qualidade na produção e cumprimento dos acordos estabelecidos entre as empresas envolvidas na produção".

Lima (2009, p.67) acrescenta que esse tipo de terceirização faz com que haja atividades produtivas realizadas no espaço domiciliar de forma subcontratadas, subordinadas a um ou mais contratante, pela grande indústria têxtil e de confecções, de alguma maneira "tirar proveito" dessa mão de obra pouco valorizada.

Diferente da empresa de Leila, a experiência de Mauriceia é de uma facção familiar, envolvendo todos os membros da família, e com características e dinâmicas de trabalho semelhantes. De acordo com Lima (2009, p.100) nesse ramo de trabalho, onde intimidade do lar e função econômica se misturam, em regra geral,

“como critérios de recrutamento dos funcionários a confiança, o conhecimento da pessoa e a recomendação de pessoas próximas” impera.

Na análise de Gonçalves (2005, p.132) *apud* Lima (2010, p.6) o trabalho exercido nas confecções domiciliares é "um trabalho puxado"; com uma mão de obra empregada é em quase sua totalidade feminina; exceto nos casos onde existe o envolvimento dos filhos, sobrinhos ou esposo, homens da mesma família, que desempenham tarefas de pouca especialização.

Sem herança familiar na costura, Mauricea inicia na costura de maneira externa, com formação em um curso, saindo do campo para a fábrica, trabalho no qual ela tem muita afeição, apego, de modo que não enxerga o trabalho como fatalidade ou sacrifício. Na descrição da composição da facção ela aponta que

Tem umas três costureiras, o resto é família, minha nora e minhas irmãs, meu marido faz a parte da lateral, e cada um tem uma função, cada um tem uma parte. Aí tem uns máquinas que elas são eletrônicas, outras semi-eletrônica, aí vai dependendo de cada função que a gente necessita. (Mauricea, 2017).

Com as funções devidamente distribuídas no processo produtivo, Mauricea organiza a sua empresa por atividade. Cada membro responde por atribuições distintas, de modo a aprimorar a costura e a montagem das peças de roupas. Na contratação das trabalhadoras, ela defende a lógica da família ampliada: “Eu faço parte da Assembleia de Deus, e trabalha comigo ou a família de casa ou a família da igreja, porque assim, como a demanda é pouca né, não tem necessidade de muita gente”. Com esta compreensão, ela contratou três trabalhadoras, fora do seu círculo consanguíneo, por ser membros da sua igreja (Mauricea, 2017).

A capacidade produtiva da facção de Mauricea não limita-se a exclusividade da marca a qual trabalha, por anos, mas, estende-se a outros trabalhos: “Eu me especializei em moda masculina, mas faço outras coisas, faço fardamento pra colégio, para universidades; faço blusas, conjuntos, saias; tem eventos que a gente só faz a malha, eventos de igreja, ao todo trabalham aqui nove pessoas” (Mauricea, 2017).

Por último, ela se diz abençoada e agradecida pelo trabalho e experiência de vida: “Eu amo o que eu faço, e sou grata a Deus por ele ter me abençoado” (Mauricea, 2017).

2.7 Trazendo na bagagem o saber da costura: Dona Branca tece histórias e puxa o fio da memória

Neta de vaqueiro e filha de agricultor, Maria José Marinho de Souza, a Dona Branca²⁷ é uma mulher alta, de rosto marcante e postura imponente, de cabelos loiros curtos cacheados e um sotaque paulista. É mãe de dois filhos e proprietária de sua própria confecção, localizada na entrada de sua casa.

Como jovem/adolescência, ela nos conta que foi a responsável pela alfabetização dos seus pais: “Eu já era grandinha, então eu alfabetizei meu pai e minha mãe, eles leem um pouquinho, ele assinava o nome dele, minha mãe também, mas mesmo assim meu pai conseguiu bastante coisa mesmo sendo analfabeto” (Dona Branca, 2018).

Relata que seu pai, através do trabalho braçal, adquiriu bens e “criou”, junto com sua mãe, vinte filhos. Segundo ela, o pai desenvolveu habilidades especiais com o trabalho na comercialização, para além da formação adquirida no núcleo escolar: “Ele fazia uma matemática de cabeça que eu nunca acompanhava ele, isso daí já foi da mente dele, não foi eu que ensinei não” (Dona Branca, 2018).

Meu pai também sempre foi agricultor, ele plantava algodão; abasteceu muito o estado da Paraíba com algodão, até que depois veio uma peste chamada bicuda [bicudo] e acabou com o algodão, né? E ficou só na agricultura, na criação de gado. Meu pai teve vinte e um filhos, foram três abortos e nasceram dezoito, desses se criaram treze, ele ainda achou pouco e adotou mais um, fez quatorze [risos] (Dona Branca, 2018).

O pai de Dona Branca era proprietário de terra e, junto com os trabalhadores contratadores, “Ele cortava as terras com trator, tinham muito homem trabalhando todos os dias, uma faixa de 20 homens; porque eu lembro que a gente ia lá na roça cozinhar para aqueles homens; porque meu pai sempre dizia que homem tem que trabalhar de barriga cheia”. Dona Branca conta que, quando criança, ajudava o seu pai nas atividades agrícolas, o que ela recorda com muito orgulho: “Começou a engatinhar já iria trabalhava, né? Essa história de que é proibido menor trabalhar, isso é coisa pra hoje. Hoje somos trabalhadores, somos independentes, temos nossos filhos, tudo isso porque que nós aprendemos com ele, através do trabalho”. Para ela, o trabalho modulou o seu caráter e abriu oportunidades futuras (Dona Branca, 2018).

Na cidade de São Paulo (SP), Dona Branca passou a costurar em casa e, aos poucos, foi profissionalizando-se. Ela descreve que começou a fazer roupinhas de

²⁷ Entrevista realizada 27 de Novembro de 2018.

bonecas, em seguida: “Eu descobri que a boneca é semelhante ao ser humano, e se eu sabia fazer roupas para a boneca eu iria saber fazer para o ser humano, a diferença é pequenininha. E quando eu vi que eu já estava sabendo costurar” (Dona Branca, 2018).

Dona Branca faz parte de um grupo que a literatura aponta de migração de retorno. Nas palavras da entrevistada, sua migração não foi bem sucedida, pelo fato de ter ganhado muito dinheiro na região Sudeste, mas ao mesmo tempo ter deixado tudo lá: “Eu vivi vinte e cinco anos em São Paulo; e São Paulo é muito grande para quem é pequeno; então você se torna mais pequeno ainda, por mais inteligente que você seja, por mais trabalhador que você seja”. Numa narrativa atravessada pela frustração, ela nos conta que deixou todo o patrimônio adquirindo em São Paulo: “Lá eu tinha um salário de sete mil reais, mas o salário ficava lá” (Dona Branca, 2018).

Transitando em diversas áreas, mas, foi no trabalho com a costura, prestado para uma multinacional, que ela passou a maior parte do tempo em São Paulo: “Eu prestava serviço para uma multinacional, passei 15 anos, tinham 15 costureiras lá” (Dona Branca, 2018).

O filósofo da práxis já dizia que “a história se repete, primeiro como tragédia, depois como farsa”²⁸, e é essa mesma história que nos vemos se repetir aqui. Toda a carreira profissional de dona Branca, assim como muitas colaboradoras, esbarram na tarefa do cuidado com os filhos: “Ai depois eu engravidei e não podia mais trabalhar lá, porque eu tinha que cuidar deles” (Dona Branca, 2018).

Em decorrência da gravidez e demais adversidades, Dona Branca volta para Queimadas-PB, sua terra natal, trazendo consigo seus filhos e o conhecimento adquirido na costura para montar sua própria facção.

No seu caso: a gravidez no auge da carreira. Neste contexto, o conflito dos papéis: mãe e profissional fez com que ela abandonasse o seu emprego na multinacional no ramo da costura e passasse então a costurar novas possibilidades onde pudesse conciliar os cuidados como mãe/esposa, a costura e/ou outras atividades em casa.

Mas eu comecei a trabalhar na área de estética, eu penteei e maquiei para o canal 11, da TV mulher, ai depois eu engravidei e não podia mais trabalhar lá. Porque eu tinha que cuidar dele, era menor, a menina tinha dez anos e ele iria nascer e não teria como deixar eles sozinhos, porque se você deixar os meninos sozinhos, eles choraram e os vizinhos veem, ai acha que

²⁸ Parafrazeando a famosa frase de Karl Marx em O 18 de Brumário, sobre a repetição dos Bonaparte no poder.

você já está abandonando o filho e quando você chegar, o SOS criança já tem levado, é tudo bem complexo, né? (Dona Branca, 2019).

O trabalho feminino, majoritário na indústria do vestuário, em especial na atividade da costura, deve ser compreendido em uma dimensão histórica e social, de modo que é "um trabalho que passou a ser exercido por mulheres e envolve representações e práticas sociais construídas e, muitas vezes, cristalizadas pela tradição" (GOZZONA, 1997, p.92). Verificamos isso na descoberta de dona Branca, que, em uma brincadeira refletida na tradição infanto-juvenil feminina, descobre ao "fazer roupinha de boneca" o seu futuro ofício.

Vivendo no Sudeste e sempre com o desejo voltar a sua terra natal, Queimadas-PB, Dona Branda, faz o movimento de retorno: monta sua própria confecção domiciliar, com base nos saberes adquiridos "lá fora". O detalhe: os seus filhos não lhe acompanham na profissão e não pensam em voltar a morar na terra natal da mãe.

Eu estava lá em São Paulo, mas sempre sonhada de voltar né, eu acho que quem vive lá fora ele só não tem vontade de voltar se ele teve uma vida muito ruim aqui, e eu sempre tive uma vida boa aqui, eu apenas acompanhei o marido ao ir para São Paulo, mas sempre com o sonho em voltar. Dos meus dois filhos, nenhum pensam no ramo da costura, a menina está em São Paulo trabalhando na área de beleza. Eu levei ela pra lá com um aninho de idade e ela ficou lá, não quis vir; eu estou iludindo ela para ver se ela vem embora (risos). E o menino foi pra área de segurança; fez curso de segurança, curso de carro forte, mas agora está desempregado, ele gosta dessas lutas, *muay thai* e esta preparando uma academiuzinha lá, pra mim isso não tem muito futuro não, mas a gente não manda no destino dos filhos né... (Dona Branca, 2018).

Nesse sentido, percebemos a mudança de gerações, novas profissões, habilidades, aprendizados e perspectivas diversas.

2.8 Dinha e Gercino: Complementando a renda e costurando a quatro mãos

Ao se reportar as lembranças do seu passado, Josefa Velez Tavares, a Dinha²⁹, mãe de dois filhos, de cinquenta e três anos, nos relata: "Eu fui nascida e criada na roça, no sítio Gravatá dos Trigueiras, lá meus pais e meus avós eram agricultores né?". Segundo ela, a produção agrícola era a base do autoconsumo familiar³⁰.

²⁹ Entrevista realizada em 12 de Dezembro de 2017.

³⁰ A produção voltada para o autoconsumo, também denominada mínimo calórico, mínimo alimentar vital, consumo doméstico, é definida como uma parcela da cultura produzida pela família e designada ao consumo próprio. Essa produção não deve ser associada a uma produção residual, ou

A gente lá no sitio, plantava feijão, arroz; a gente não vendia não, sabe? O que a gente plantava era pra passar [manter a família] o ano todinho, porque naquele tempo não tinha isso, não! Era naqueles depósito, ai a gente fazia a colheita, milho, feijão, batata doce, verdura... Isso há 40 anos atrás. Porque naquela época a gente não comprava, né? a gente tinha verdura, batata doce, essas coisas a gente tinha tudo no sitio (Dinha, 2017)

De família numerosa, como observamos em outros relatos de mulheres faccionistas, com doze irmãos, Dinha acompanhava seus pais e avós nas atividades agrícolas, até sua adolescência, saindo do campo após o seu primeiro casamento. Em seguida, sem precisar o período exato, a maioria dos seus dezesseis tios também migraram, e Dinha nos conta dessa aventura, segundo ela, bem sucedida por parte deles:

Teve um tio meu que chegou a se formar; ele mora em Recife, ele é engenheiro; isso da parte de pai. Do lado da minha mãe, ela já é falecida, era uma tia minha que era técnica em enfermagem, morava no Rio de Janeiro. E as outras minhas tias eram tudo costureira, e até hoje ainda são, né? Três moravam no Rio, e tem uma que mora aqui (Dinha, 2017).

A migração faz parte da história de Dinha. Ela relata que por volta de 1988, junto ao seu primeiro esposo, sua mãe e tias, também morou um tempo no Rio de Janeiro, onde sua mãe costurava e suas tias eram proprietárias de confecção: “Eu trabalhava a noite no hospital, minhas tias trabalhavam tudo com confecção, eu sempre gostei de costurar, aí durante o dia eu fui aprendendo, né? Aí eu aprendi e me aperfeiçoei com minhas tias...” (Dinha, 2017).

Trazendo consigo a futura profissão na bagagem, ela volta ao município de Queimadas-PB, sendo a única da família, junto com mãe, a residir no município; e é nesse território que ela constrói sua família: “Aqui eu tive dois filhos, um faz trinta e dois anos próximo mês, ele é operador de máquina; e tem um com quatorze anos que já terminou o ensino fundamental, né? Concluiu o nono. Ele fez até a inscrição para o FIES e tá aguardando chamado”. Nesse novo lugar de morada, ela passa a trabalhar com confecções: “Eu trabalhei na GUMOM, trabalhei na LAGES, trabalhei na TIRRUAN, na BORDADA”³¹.

Mas, em decorrência de problemas de saúde, atribuído ao trabalho repetitivo na profissão de costureira, Dinha nos fala: “Eu tive um problema na mão, coloquei platina, não podia me movimentar, aí eu saí, agora eu trabalho em colégio, sou

incompatível com os padrões de qualidade do mercado. Ela é simplesmente uma produção voltada para o uso dos membros da família (GRISA; SCHNEIDER, 2008 *apud* CONTINI; LIMA-FILHO; DRESCH, 2012 p. 2007).

³¹ Figuras 5 e 6 contidas nos anexos.

merendeira”. E como lembrança, representação e memória da profissão, ela guarda consigo “o seu bom e velho” instrumento de trabalho: a máquina de costura; colocando-a, carinhosamente, num canto da casa. O trabalho com a costura, no momento da entrevista, era ocasional e realizado junto com o Sr. Gercino, seu esposo.

Quando aparece costura eu tô pegando. Porque na época que eu cheguei do Rio, minha mãe, a gente pegava costura de santa cruz, isso com várias máquinas, sabe? Mas, aí devido a problemas na coluna, também, sabe? Eu diminuí mais na costura.

Enfatizando o gosto pelo trabalho e de como ele é uma herança familiar, fruto de um processo de socialização, compreendemos assim como Gozzona (1997, p.90) que “o desempenho de algumas atividades como a costura, são produto de educação e de formação, nem sempre adquiridas por vias formais e sim, por exemplo, como parte das atribuições de uma dona-de-casa”.

É o caso de Dinda, como muitas costureiras, começou na relação com as tias, na confecção, a nutrir o gosto pela costura, fruto de uma socialização primária familiar. A costura como experiência que passa da mãe e tias, para ela, na aprendizagem inicial. Mas, a sua profissionalização acontece no transcurso dos anos de trabalho em inúmeras fábricas. No seu relato, o trabalho exaustivo e repetitivo comprometeu sua saúde física, mas precisamente, sua capacidade motora e fez com que ela mudasse de profissão. O detalhe: ela mantém as suas máquinas de costuras, o que significava que continua costurando, com uma rotina mais suave.

O seu atual esposo também costura, Gercino Deodoro da Silva, o senhor Gercino³² de cinquenta e sete anos, ele chega, senta na sala e passa a fazer parte da nossa conversa: “Eu trabalho em costura desde os dez, doze anos em Recife, fabricando bolsa de couro, esse tipo de bolsa aí também! [Com o dedo indicador mostrando minha bolsa], Bolsa pra viagem, entendeu? Cinto, carteira...”. E complementa: “Ai eu peguei prática em todo tipo de maquina, reta, de picota, overlock, inclusive pra fazer desenhos”.

O Sr. Gercino migrou de Brejo da Madre Deus (PE), em busca de novas oportunidades de emprego em Campina Grande (PB). Mas, é em Queimadas (PB) que ele se estabelece e encontra sua atual companheira: “Aí desse período já vai

³² Entrevista realizada em 12 de Dezembro de 2017.

fazer uns vinte e cinco anos que eu tô morando aqui em Queimadas, ai conheci ela, me separei da outra, não deu certo, entendeu?”

Os dois (Dinha e o Sr. Gercino) estão aposentados e, indicam nos relatos, que trabalham sempre que aparecem boas ofertas de costura. Considerando ser um trabalho sazonal, Dinha nos informa que os meses de setembro e junho, são os períodos que mais surgem trabalhos, em decorrência de serem datas festivas: os desfiles cívicos das escolas, em setembro, e as festas juninas, em junho: “Assim, em época de setembro, ele ajuda, aí enquanto eu tô numa máquina ele tá noutra, eu faço uma coisa, ele faz outra. [...] A gente pega muito em época de São João também” (Dinha, 2017).

Pela praticidade de ambos nas máquinas de costura adquiridas ao longo dos anos de experiência, eles dão a primazia a proprietários que lhes pagam por produção e não por dia de serviço, e o Sr. Gercino justifica:

Aí quando eles vem me pagar negócio de diária eu digo: “não!” Tem que me pagar é na produção; o que eu produzir você me paga, é desse jeito. [...] Se eu pegasse numa máquina de manhazinha, quando fosse de tarde eu tava com os meus duzentos reais, e se for fazer pra pagar salário, eu digo: Eu num vou fazer em cima de salário, né?. Salário mínimo já tá dizendo, já é mínimo, né? Eu digo vamos fazer o seguinte: eu trabalho na produção, o que eu produzir você me paga [...] Na produção, quando der umas quatro horas eu vou é tomar meu banho, eu digo pronto, eu vou trabalhar é no outro dia (Sr. Gercino, 2017).

Apesar das sequelas físicas, que afetam o sistema nervoso, em decorrência do trabalho repetitivo na confecção, Dinda diminui a sobrecarga do trabalho, mas passa a pegar trabalhos remotos, não facionados em sua casa, e não toma mais a costura como principal fonte de renda de sua família. Seu Gercino (marido de Dinda) também costura, especializado em bolsas, mas com grandes habilidades nos mais variados serviços da costura. O casal não depende mais da profissão para o sustento familiar. Eles são aposentados.

2.9 Memórias de Dona Sebastiana: Entre perdas e ganhos

Essa casa que eu tenho, eu comprei com o dinheiro da costura [...] Hoje em dia sou aposentada, não faço quase nada, eu já trabalhei demais né meu filho. Chega uma hora que é para a gente parar e descansar; eu já estou com sessenta e oito anos, trabalhei tanto que eu saí com a coluna torta, as pernas cansadas, os dedos tortos.
(Dona Sebastiana, 2019)

Sebastiana Maria da Silva, a Dona Sebastiana³³, com o olhar de quem sabe muito da vida é mulher de sessenta e oito anos, mãe, viúva e faccionista aposentada; que, com paciência, tranquilidade, lentamente, vai tecendo as suas memórias, a sua história.

De família numerosa, Dona Sebastiana relata que os seus avós; *“tanto por parte de pai quanto por parte de mãe, tiveram bem uns dez filho de cada lado”* e todos dedicados ao trabalho agrícola:

Eles trabalhavam pra um fazendeiro lá, e tudo o que a gente plantava era pra comer, porque não dava pra vender. Trabalhavam tudo no sítio, a gente fazia de tudo, plantava roçado, cavava lerão, fazia tudo o que viesse pela frente, a gente fazia isso pra sustentar a família né, todo mundo fazia tudo. Os homens iam trabalhar na fazenda que era pra arrumar o dinheiro da feira, e as mulheres tinham que tocar o roçado. A gente ia cuidar das coisas do patrão, porque a gente mesmo não tinha nada né!? Depois meus tios e irmãos foram tudo pra seu lado. (Dona Sebastiana).

O núcleo familiar de Dona Sebastiana viviam como “agregados” (sistema de morada) do proprietário da fazenda, sem receber remuneração pelos serviços prestados ou poder comercializar aquilo que plantava e colhia no roçado, era uma produção para o proprietário, onde sobreviviam do excedente que lhes eram dado em forma de pagamento, pelos serviços prestados, tinham também “o direito”, além de se alimentar, de morar nas terras do patrão.

Os homens se ocupavam com as atividades externas, remuneradas, enquanto as mulheres e crianças trabalhavam “plantando roçado, cavava lerão, fazendo de tudo”. O fato de não ter uma terra para chamar de sua e nada que pudesse chamar de seu e, considerando as dificuldades enfrentadas no campo, a família decide migrar: “Lá no sítio não tinha mais emprego, não tinha nada, o trabalho que tinha era no corte de cana e mesmo assim era de seis em seis meses”. Assim, junto aos seus irmãos e tios, migram do campo para várias cidades de pequeno, médio e grande porte.

Dona Sebastiana aponta que sua mãe era um “ponto fora da curva” no que diz respeito à escolaridade. Segundo ela, a mãe estudou mais que o pai e, assim, pôde transmitir os seus conhecimentos para crianças da zona rural, onde morava. “Minha mãe estudou um pouco, sabe!? É tanto que ela chegou a ensinar uns meninos no sítio, já meu pai não estudou, não! trabalhava na agricultura também”. O abandono da escola, devido ao trabalho agrícola, é uma das explicações

³³ Entrevista realizada em 15 de Setembro de 2019.

apresentadas pela informante e coincidem com as estatísticas da baixa escolaridade das populações do campo e da migração campo-cidade³⁴. Dona Sebastiana diz que a vida dura do campo e as exigências do trabalho na agricultura lhe impediam de prosseguir nos estudos, tendo que recorrer à cidade: “Até pra estudar eu estudei até o quarto ano, esse estudo que eu ainda tive foi aqui (na cidade), porque lá no sítio não teve condições”³⁵.

Diferente dos seus tios e irmãos, que migraram para a região Sudeste, Dona Sebastiana migrou para Campina Grande (PB)³⁶, cidade de médio porte. Diz ela: “já estava cansada do sítio”. Neste caso, o cansaço retratado na falta de oportunidades de trabalho e estudo; motivo da exaustão e do deslocamento do campo para a cidade. Em Campina Grande, dona Sebastiana trabalhou, aproximadamente, sete anos como doméstica, até aprender “costurar com uma tal de Marlene, numa escola lá no Zé Pinheiro”. Com o aprendizado, iniciou o trabalho em facções e, neste percurso, sofreu duas grandes perdas: o falecimento do seu filho e o abandono do marido; “Isso já com uns trinta e cinco anos por aí, fui trabalhar para cuidar da minha menina” (Dona Sebastiana, 2019).

Nisso fiquei sozinha pra trabalhar, pagar aluguel, meu filho faleceu e ficou só a menina. Ela foi estudando e eu sozinha pra manter a casa sabe! Ela veio trabalhar depois de vinte, vinte e dois anos. É ruim criar filho sozinha viu, meu marido ficou pra lá, abandonou a gente.

Até o momento da entrevista, sua filha, com trinta e sete anos, era motivo de orgulho. Na narrativa de Dona Sebastiana: “toda luta, suor e sofrimento para criá-la sozinha, valeram a pena” (Dona Sebastiana, 2019):

Olhe você sofre pra criar um filho, mas vale a pena, porque criar filho sozinha não é brincadeira não, a não ser que você deixe solto, mas graças a Deus essa menina nunca me deu trabalho de nada, você acredita que

³⁴ De acordo com Pereira e Castro (2019, p.65), “A taxa de analfabetismo agregada do Brasil em 2010 foi de 10,2%, porém com 7,54% de analfabetos no meio urbano e 24,64% no meio rural. Essa diferença é ainda maior quando se desagrega a informação por estados. Os estados do Nordeste apresentaram as maiores taxas com relação a essa variável, com destaque negativo para Alagoas (26%), Piauí (24,5%) e Paraíba (23,4%)”.

³⁵ De acordo com Sila (2009), a falta de acesso aos espaços de decisão e acesso a bens básicos, restritos, principalmente as mulheres, são apontados como motivos para a saída das jovens do meio rural e conseqüente migração para as cidades em busca de escolaridade e emprego.

³⁶ De acordo com Gonçalves (2001, p.175) o crescimento das cidades de médio porte criou uma certa ruptura com esse fluxo Nordeste-Sudeste, abrindo com isso novas possibilidades, para além dos grandes centros urbanos. Com isso “um número considerável dessas cidades médias passaram a ser o local de destino para aqueles que, ao deixar o campo, evitam as capitais devido sobretudo às notícias de desemprego e violência”. Dentre as cidades, a autora cita Campina Grande (PB) como um dos novos polos de atração.

nem apanhar essa menina apanhou? *mas também não merecia né, porque se merecesse apanhava [risos]* (Dona Sebastiana, 2019).

Na narrativa de Para Dona Sebastiana, suas conquistas com o trabalho com a facção são apresentadas como um troféu: “a compra da casa e os estudos/educação da filha”. Para ela, toda a luta, o suor derramado, as dificuldades, os sofrimentos, deram frutos e eles foram colhidos; os resultados são positivos. Isso, graças a sua garra e determinação.

Essa minha casa *pra eu* comprar foi uma luta, eu só não pedi dinheiro emprestado a Deus. O patrão me emprestou dinheiro, minha irmã emprestou dinheiro, num sei quem emprestou dinheiro, eu sei que eu comprei, depois eu voltei pagando, isso tudo com o dinheiro da costura. Então foi com a costura que eu comprei minha casa e minha filha estudou, ela estudou tudo, só faltou doutorado que ela não fez, mas o resto ela fez de tudo (Dona Sebastiana, 2019).

Através da confecção, mesmo com o cansaço e a exaustão, características desse tipo de trabalho, Dona Sebastiana comprou a casa, para ela, um sonho, uma vitória, uma árdua labuta de toda uma vida; assim como os diplomas de sua filha que, orgulhosamente, comenta: “Só falou o doutorado, que ela não fez, o resto ela fez tudo”. Observamos que mesmo em condições adversas, devido também à baixa escolaridade, Dona Sebastiana valoriza a educação e relata com prazer, orgulho e alegria os sonhos de um futuro promissor para sua filha e, que ela possa, referenciada, na linda e árdua história de vida da mãe, alçar voos através da educação.

Podemos perceber também, na sua narrativa, as contradições dessa atividade profissional, simultaneamente, árdua, difícil e cheia de possibilidades para ela. A costura faz parte da sua vida e ser costureira é a profissão que exerceu ao longo de toda sua vida. Os seus relatos destacam as “benesses”, as possibilidades, o “lado positivo”; possibilitando acompanhar a trajetória de uma mulher faccionista com uma visão do conjunto de sua experiência.

Na fábrica de costura, era muito trabalho, a gente pegava de sete horas da manhã e tinha dias que pegávamos até onze horas da noite. Mas foi bom porque pelo menos a gente conseguiu as coisas *né*, o patrão era até bom, a gente era conhecido desde pequeno, eu conheci o meu patrão quando ele tinha treze anos, era tudo direitinho, carteira assinada e tudo.

Essa minha casa *pra eu* comprar foi uma luta, eu só não pedi dinheiro emprestado a Deus; o patrão me emprestou dinheiro, minha irmã emprestou dinheiro, num sei quem emprestou dinheiro, eu sei que eu comprei. Depois eu voltei pagando, isso tudo com o dinheiro da costura. Então foi com a costura que eu comprei minha casa e minha filha estudou, ela estudou tudo, só faltou doutorado, que ela não fez, mas o resto ela fez de tudo.

Já fazem uns sete anos que eu *tô* aposentada, quando eu me aposentei eu estava na fábrica, mesmo depois de aposentada eu ainda trabalhei uns dois

anos na facção SPARKLE, nela eu trabalhei uns dezesseis anos por aí, mas o trabalho lá era puxado viu meu *fi*, mas eram bom porque eu me sustentava (Dona Sebastiana, 2019).

Contradição do trabalho que só podem ser enxergadas com o afastamento da profissão, como aconteceu também com Dinha, colaboradora citada neste texto. Ao fim, percebemos que os efeitos desse desgaste são silenciosos e, por vezes, só podem sentidos, com clareza, com um distanciamento, no caso específico de Dona Sebastiana: após a aposentadoria.

O trabalho exercido nas confecções minam a parte física e, em um tempo, relativamente, curto o próprio sistema nervoso do indivíduo, como é o caso de Dona Sebastiana, que nos diz ter “mãos trêmulas, pernas cansadas, coluna e dedos tortos”.

A saúde mental também sofre agressões, como decorrência direta do esforço físico, repetido sem trégua. O trabalho braçal exercido cotidianamente, na infindável labuta praticada no interior das fábricas, ou nas próprias facções domiciliares, transformaram a vida dessas mulheres e fizeram delas uma espécie de “casa de força” e de resistência, mas, máquina humana se desgasta, Dona Sebastiana nos fala:

Hoje em dia sou aposentada, não faço quase nada, eu já trabalhei demais né meu filho. Chega uma hora que é para a gente parar e descansar; eu já estou com sessenta e oito anos; trabalhei tanto que eu saí com a coluna torta, as pernas cansadas, os dedos tortos, pode olhar [mostrando suas mãos em minha direção]. E um bocado das meninas que ainda estão lá vivem assim, é as pernas cansadas [...] Chegou um tempo que eu estava com as mãos tremendo, minha filha com medo que fosse mal de parkinson, aí o médico olhou e perguntou em que eu trabalhava, quando eu disse que era costura, ele disse: é isso! Tem doença não, foi por causa da costura. Eu olhando pra trás de minha vida assim, só me vem na cabeça que a éramos todos novos, não estava nem aí pra vida, cantava, pulava, dançava, mas agora eu estou velha e cansada. A vida foi difícil, mas escapei, tô aqui (Dona Sebastiana, 2019).

Os efeitos são percebidos ao atento olhar do observador. O deslocamento diário para o trabalho deixa marcas na pele, maltratada pelos incessantes e inclementes raios solares. Na pele forma-se um processo semelhante a uma camada de couro aparentemente invulnerável aos efeitos da insolação. A derme e a epiderme sofrem assim transformações, mudanças alheias ao processo natural de envelhecimento, e, como resultado final, a precoce destruição de células e camadas da pele. Os olhos tão castigados pela a atenção requerida no trabalho da costura: inclemente, impiedoso, minucioso e, assim como a pele, sofrem danos irreparáveis

os quais poderiam levar a cegueira, todos esses efeitos são perceptíveis em Dona Sebastiana, assim como em tantas outras mulheres aqui mencionadas.

Percebemos que em Dona Sebastiana os músculos hoje já não tem a mesma resistência e energia de antes, não correspondem aos imediatos comandos enviados pelo cérebro; os movimentos ritmados e repetidos, cotidianamente, poderiam conduzir, mais cedo ou mais tarde, ao completo desfalecimento físico orgânico. A capacidade auditiva dessas mulheres também sofrem graves agressões em decorrência dos sons repetitivos das máquinas de costura, sons que a princípio podem parecer melódicos, mas, se convivendo cotidianamente com eles, por décadas, podem gerar a hipersensibilidade e/ou baixa ou perda de audição.

Após todos esses exercícios de sobrevivência, em jornadas de trabalho que duravam mais de doze horas, acrescido com a ampliada jornada de trabalho exercida no domicílio, o momento do retorno para casa, para Dona Sebastiana, assim como muitas mulheres aqui mencionadas, se davam/dão com uma extensão do trabalho fabril. Mas, podendo neste espaço dar e receber um pouco de alento a um corpo tão maltratado e desfalecido pela dureza do trabalho exercido cotidianamente.

A máquina de costura, ferramenta de trabalho e companheira inseparável, nos conta Dona Sebastiana e tantas outras mulheres, era posta, carinhosamente, num canto da casa após o serviço complementar, e com a pouca disposição que ainda restava, essas mulheres passam a fazer os serviços domésticos e cuidar dos filhos e, ao término da jornada diária, buscam um sono que é apenas um breve alívio para a retomada da labuta do dia seguinte.

3 CONCLUSÃO

A partir do século XX o setor têxtil passou a se reestruturar e se expandir de modo a se tornar cada vez mais competitivo, informatizado; atingindo o trabalho domiciliar de mulheres costureiras faccionistas.

Nesse contexto, o setor têxtil e de vestuário, passa a reduzir custos descentralizando-se, flexibilizando-se e terceirando-se; tendência que vem fortemente aliada a reestruturação do setor no país. Com a flexibilização das relações de trabalho e a redução de custos na produção, o se tornou mais competitivo.

A partir dos anos 70, abriram-se espaços nas mais diversas áreas do trabalho para mulheres; a mão de obra feminina ocupará várias funções. No entanto, algumas atividades, direcionadas à ocupação da mão de obra feminina, serão análogas ao trabalho, não remunerado, desenvolvido por mulheres no ambiente doméstico, como mãe e esposas; atribuições, culturalmente, associadas ao feminino, entre elas, a costura no setor têxtil e de vestuários.

A facção, para muitos estudiosos, é a etapa principal da produção do setor têxtil e utiliza, majoritariamente, a mão de obra feminina para realização do seu trabalho. A terceirização atinge, principalmente, as trabalhadoras que se encontram “na ponta” da cadeia produtiva: as mulheres faccionistas. Elas são subcontratadas e assumem o risco da produção, sem qualquer contrapartida de segurança ou compensação salarial.

O setor conta com inúmeras facções domiciliares, as quais em sua grande maioria são de lógica familiar, que utilizam a mão de obra dos membros da própria família e/ou de rede de sociabilidade da localidade.

Em nossa pesquisa, constatamos que a baixa escolaridade, característica marcante da vulnerabilidade social dessas mulheres, não é um critério para o recrutamento da atividade da costura, seja em empresas do setor têxtil, seja em facções domiciliares informais. De modo que, a média da escolaridade é muito baixa, ou sem escolaridade, variando entre ensino fundamental e o médio incompleto.

Não sendo a escolaridade o critério para ingressar no setor têxtil, a formação das mulheres faccionistas acontece na informalidade, seja através da transmissão familiar, onde as avós, mães e tias costuravam e passaram o seu saber para as netas, filhas e sobrinhas; seja através dos cursos com baixa especialização, ou mesmo, a aprendizagem como resultado das oportunidades surgidas, na própria indústria ou nas facções informais domiciliares.

Os estudos realizados indicam que a maioria das mulheres faccionistas são de origem rural; viveram a infância, adolescência e/ou juventude no campo. Neste espaço social trabalhavam na (ajuda) agricultura, nas atividades domésticas e no cuidado com filhos, familiares, geralmente, sem uma remuneração definida. Por isso, em decorrência das adversidades do campo: trabalho árduo, clima (secas), ausência de oportunidades de empregos; as mulheres (faccionistas) migraram do campo para

as cidades de pequeno, médio e grande portes (as metrópoles), em busca de novas oportunidades de trabalho e renda.

Ao sair do campo, costurando novas possibilidades ao longo de suas jornadas, as motivações são variadas, os sentimentos também. Mas, todas, vão em busca de trabalho, carregando o saber da costura ou aprendendo a profissão no caminho. É no trabalho de facção que elas se (des) encontram.

Muitas mulheres assumem o trabalho nas grandes indústrias de confecção (com seguridade social e salário definido); algumas são desafiadas ao lidar com a gravidez, não planejada, e a difícil conciliação da jornada ampliada – casa (filho)-trabalho; outras abandonam o emprego e montam as suas facções no domicílio, seja na entrada da casa, escondidas por trás de grandes muros, seja no quintal de suas casas ou em cômodos separados. A “indústria” agora é dentro casa. O trabalho da facção exige a articulação do trabalho econômico remunerado com o trabalho doméstico.

Nas descrições das nossas informantes, trata-se de trabalho exaustivo, penoso, cansativo, árduo, acrescido de jornadas intermitentes, tendo muitas vezes que cumprir jornadas de mais de 12 horas por dia. Um trabalho que implica em renúncias das mais diversas, sobretudo afetivas, comprometendo a relação com a família, principalmente, com os filhos (as).

Algumas colaboradoras não diferenciam, com precisão, suas variadas atribuições: trabalhadora, mãe, esposa, doméstica; isso, em decorrência das inúmeras funções acumuladas. O elemento tempo é falsamente controlado. Elas são donas do seu próprio negócio, mas, o seu trabalho depende da produção, e deixar de produzir acarreta perdas na renda; o que justifica a exaustão e extensão das jornadas de trabalho.

Apesar disso, o trabalho com a confecção deve ser estudado de forma relacional. Nem tudo é sofrimento. A facção representou, para a maioria das mulheres, melhorias nas condições de vida: renda familiar, escolaridade para os filhos (as), o consumo de bens e serviços, a compra de imóvel (casa) e os sentimentos de reconhecimento e orgulho de que são “donas do seu próprio negócio”. Dimensões destacadas e valorizadas por todas elas.

O reconhecimento das dificuldades, por um lado, por ser um trabalho árduo, exigente, exaustivo; mas, benesses, ganhos, conquistas, por outro, por se ter um

negócio próprio, renda, conquistas e benefícios, associados ao trabalho. Uma relação paradoxal, mas que dão sentido e significados a vida dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Elisabeth Maciel de. **Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas.** Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009. Dissertação de Mestrado, 99p.

BOSSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CARNEIRO, Maria José; PEREIRA, Jorge Luiz de Goes. Tecendo novas estratégias: confecções em domicílios rurais em Nova Friburgo. **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e de pensar o rural na sociedade brasileira.** Rio de Janeiro, Mauad X–Faperj, 2012.

CARVALHAL, Terezinha Brumatti. O trabalho domiciliar feminino como estratégia de sobrevivência e/ou imposição do capital? **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, São Paulo, v. 8, n. 2, 2007.

CONTINI, Daniel Jeffery; LIMA-FILHO, Dario de Oliveira; DRESCH, Leonardo de Oliveira. Perfil da produção agrícola para autoconsumo em territórios rurais de Mato Grosso do Sul. **Interações (Campo Grande)**, Campo Grande, MS, v. 13, n. 2, p. 203-212, 2012.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Maria Cecília de Souza Minayo (org.). – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

É no presente que o SENAI constrói o futuro da indústria e da aprendizagem. Portal da indústria SENAI. Disponível em: <<http://www.portaldaindustria.com.br/senai/>> ACESSO em 04 de Novembro de 2020.

FINATTO, Roberto Antônio; SALAMONI, Giancarla. Agricultura familiar e agroecologia: perfil da produção de base agroecológica do município de Pelotas/RS. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, MG, v. 20, n. 2, p. 199-217, 2008.

GAZZONA, Raquel da Silva. Trabalho feminino na indústria do vestuário. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 18, n. 61, p. 88-109, 1997.

GONÇALVES, Alfredo José. Migrações Internas: evoluções e desafios. **Estudos avançados**, v. 15, n. 43, p. 173-184, 2001.

LIMA, Ângela Maria de Sousa. **As faces da subcontratação do trabalho: um estudo com trabalhadoras e trabalhadores da confecção de roupas de Cianorte e Região.** 2009. 2009. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Gênero, trabalho faccionado e trabalho a domicílio: as faces da subcontratação na confecção de roupas de Cianorte-PR. **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, ISSN, p. 2177-8248, 2010.

MEIHY, José Carlos. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2005.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. 3.ed. São Paulo: Editora Contexto, 1994.

NEVES, Magda de Almeida. Trabalho e gênero: permanências e desafios. **Sociedade e cultura**, v. 9, n. 2, p. 257-265, 2006.

PEREIRA, Caroline Nascimento; CASTRO, César Nunes de. **Educação**: contraste entre o meio urbano e o meio rural no Brasil. 2019.

REIS, Nerci Aparecida dos. A migração do nordestino trabalhador rural e a educação escolar de seus filhos. **Prospectiva**. V.2., 2016. Frutal-MG.

SILVA, Edvânia Aparecida da. **Mulher no campo**: educação e relações de gênero. São Paulo, 2009.

SILVA, Marcelo Saturnino da; MENEZES, Marilda Aparecida de. Homens que migram, mulheres que ficam: o cotidiano das esposas, mães e namoradas dos migrantes sazonais do município de Tavares. Scott P, Cordeiro R, Menezes M, organizadores. **Gênero e geração em contextos rurais. Florianópolis**: v. 1, p. 279-311, 2010.

SOUZA, Maria Antônia de. Educação do campo, desigualdades sociais e educacionais. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 120, p. 745-763, 2012.

TEIXEIRA, Adriano Lopes Almeida. Mais-Valia ou Mais-Valor?. **Revista Economia Ensaios**, v. 34, n. 2, 2020.

THOMPSON, Edward Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e terra. 1992.

THOMPSON, Ferreira Ramos Atouguia. Memória e esquecimento, experiência e tempo. Revista Uniabeu, Nilópolis, RJ, v. 10, n. 25, 2017.

VILLELA, Gustavo. **Plano Collor confiscou a poupança, e Brasil mergulhou na hiperinflação**. O globo, 2016. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/plano-collor-confiscou-poupanca-brasil-mergulhou-na-hiperinflacao>> Acesso em: 02 de Outubro de 2020.

FONTE ORAL

LÚCIA, Maria de. Entrevista concedida à Edmilson das Chagas de Lira Filho em 20 de Agosto de 2019..

SILVA, Márcia Simone da. Entrevista concedida à Edmilson das Chagas de Lira Filho em 23 de Agosto de 2019.

SILVA, Sebastiana Maria da. Entrevista concedida à Edmilson das Chagas de Lira Filho em 15 de Setembro de 2019.

PAULA, Ana.. Entrevista concedida à Edmilson das Chagas de Lira Filho em 15 de Setembro de 2019.

GOMES, Maria Edileusa Soares. Entrevista concedida à Edmilson das Chagas de Lira Filho em 31 de Outubro de 2017

RODRIGUES, Lídia Pereira. Entrevista concedida à Edmilson das Chagas de Lira Filho em 12 de Dezembro de 2017.

SOUZA, Maria José Marinho de. Entrevista concedida à Edmilson das Chagas de Lira Filho em 27 de Novembro de 2018.

SOUZA, Mauricea Santana Soares. Entrevista concedida à Edmilson das Chagas de Lira Filho em 31 de Outubro de 2017.

TAVARES, Josefa Velez; SILVA, Gercino Deodoro da. Entrevista concedida à Edmilson das Chagas de Lira Filho em 12 de Dezembro de 2017.

ANEXO



Figura 1 - Imagem de arquivo pessoal de Maria de Lúcia, a dona Lúcia. Ela encontra-se a primeira pessoa da imagem vista da direita para a esquerda. Foi tirada na confecção Terral. A imagem registra um momento de confraternização das costureiras da maquina reta, as quais reuniram-se para comprar um filtro para a mulher que aparece na imagem segurando um tecido, ela passava por dificuldades financeiras e bebia água de barreiro, todas juntas reuniram-se e compraram um filtro para que ela possa beber água.



Figura 2 - Imagem do arquivo pessoal de Maria de Lúcia, a dona Lúcia, na imagem, seus avós maternos, Norberto José de Sales e Maria Pastora Sales.



Figura 3 - Imagem de arquivo pessoal de Maria de Lúcia, a dona Lúcia, na imagem encontra-se a filha de Maria Lúcia no sítio.



Figura 4 - Imagem de arquivo pessoal de Maria de Lúcia, a dona Lúcia. Na imagem colegas de costura na confecção TERRAL, Maria Lúcia encontra-se de costas para a imagem, sendo a primeira, contando da esquerda para a direita.

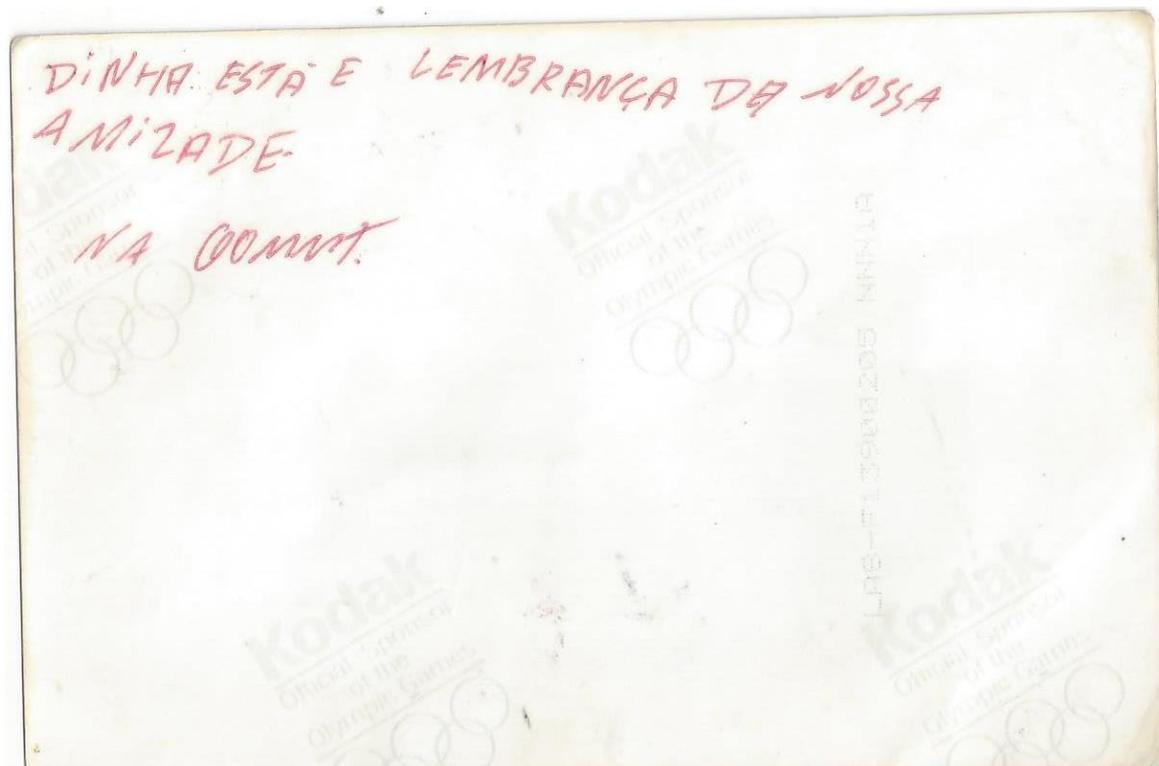


Figura 5 - Verso da imagem do arquivo pessoal de Josefa Velez Tavares, a Dinha, na imagem uma frase feita por amigas de trabalho.

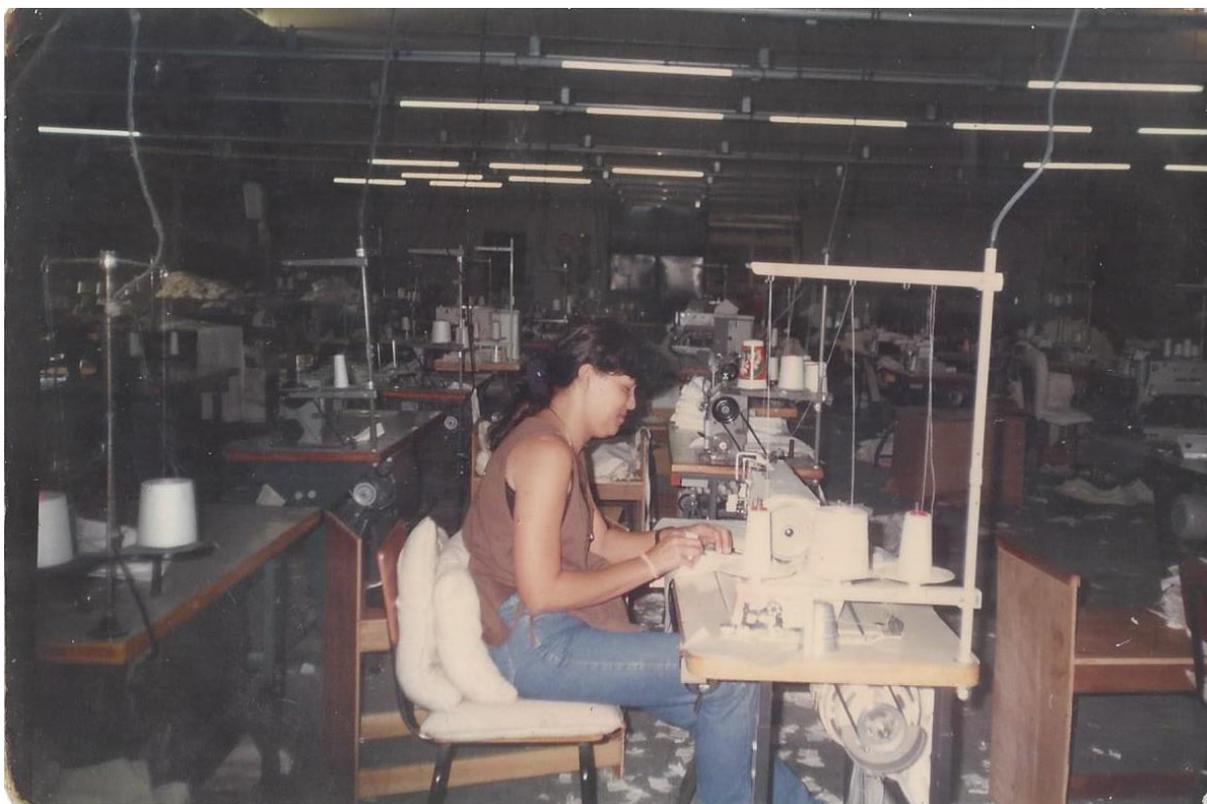


Figura 6 - Imagem do arquivo pessoal de Josefa Velez Tavares, a Dinha, na imagem ela própria trabalhando em confecção na fabrica GOMMT.